

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI  
Filozofická fakulta

BAKALÁŘSKÁ PRÁCE

Olomouc 2020

Kristina Jínová

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky

Comparação entre cultos afro-brasileiros  
candomblé e umbanda

Comparison of Afro-Brazilian Cults Candomblé  
and Umbanda

Bakalářská práce

Autor: Kristina Jínová

Vedoucí práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2020

Prohlašuji, že jsem tuto bakalářskou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením PhDr. Zuzany Burianové, Ph.D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

.....

.....

### Poděkování

Chtěla bych poděkovat PhDr. Zuzaně Burianové, Ph.D. za její odborné vedení, cenné rady, připomínky a v neposlední řadě za její trpělivost. Mé poděkování patří též mé rodině a mým blízkým za pomoc a podporu během studia.

Kristina Jínová

# Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>1. Candomblé .....</b>	<b>8</b>
1.1 A história do candomblé .....	8
1.1.1 O Processo do desenvolvimento.....	8
1.1.2 Ciclos do tráfico negreiro .....	11
1.1.3 Classificação de escravos .....	12
1.1.4 Afro-brasileiros depois da abolição.....	15
1.2 Características gerais do candomblé .....	18
1.3 Tipos do candomblé .....	21
1.4 Cerimônias do candomblé.....	24
1.4.1 Axé e Iwá.....	24
1.4.2 Terreiros .....	26
1.5 Estrutura Social .....	30
1.6 Iniciação .....	32
1.7 Rituais do candomblé.....	33
1.7.1 Curso do ritual .....	35
<b>2. Entidades sobrenaturais nas religiões afro-brasileiras .....</b>	<b>37</b>
2.1 Orixás mais importantes.....	38
2.2 Outros orixás .....	44
2.3 Fora do campo dos orixás .....	45
<b>3.Umbanda.....</b>	<b>47</b>
3.1 História da umbanada.....	47
3.1.1 Mito da origem da umbanda.....	47
3.1.2 Primeiros registros da umbanda.....	49
3.2 Tipos da umbanda .....	50
3.3 Terreiro.....	53
3.3.1 Disposição espacial do terreiro da umbanda .....	54
3.3.2 Defumação e limpeza espiritual .....	54
3.3.3 Estrutura social da casa da umbanda .....	55
3.3.4 Hierarquia na umbanda.....	55
3.4 Andamento da festa.....	56
3.4.1 Iniciação .....	56

3.5 Doutrina da umbanda .....	57
3.5.1 Sete Linhas de Umbanda .....	58
3.5.2 Sete Linhas de Trabalho .....	61
3.5.3 Conceito do Exú na umbanda.....	63
3.6 Esquerda vs. Direita .....	63
<b>Conclusão comparativa .....</b>	<b>66</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>72</b>
<b>Summary.....</b>	<b>73</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>74</b>
<b>Fontes electronicas .....</b>	<b>74</b>
<b>Assuntos .....</b>	<b>83</b>
<b>Anotação em português .....</b>	<b>85</b>
<b>Anotação em inglês .....</b>	<b>86</b>

## Introdução

Nesta tese abordamos o tema das diferenças entre dois cultos afro-brasileiros, o candomblé e a umbanda. Desde o início, podemos fazer a pergunta por que razão comparar esses dois cultos especificamente? A resposta é clara. O candomblé e a umbanda são frequentemente apresentadas lado a lado, quando se fala dos cultos afro-brasileiros, cujas raízes podemos encontrar já no período da escravidão no Brasil. Apesar da sua aparente conexão, pressupomos que eles não sejam exatamente iguais. Vamos por isso tentar determinar como diferem entre si, no que se refere à sua origem, à relação com as divindades denominadas orixás, aos rituais, aos processos de encarnação de divindades, etc. O objetivo deste trabalho é, assim, descrever estes dois cultos nas suas semelhanças e diferenças.

Vamos tentar abordar este tema, que é em si muito amplo e bastante difícil de entender para um europeu, de uma maneira mais geral, mas sistemática. Primeiro apresentaremos, brevemente, a história da origem e da formação dos cultos afro-brasileiros desde os tempos da escravidão até o presente. Depois nos dedicaremos separadamente aos dois cultos, ao candomblé e à umbanda. Em cada um indicaremos brevemente os seus ramos individuais e analisaremos os seus ensinamentos. Apresentaremos também uma seleção das suas principais divindades. A seguir, trataremos da operação dos seus templos e da sua estrutura social interna. Por último, mas não menos importante, descreveremos algumas das práticas ritualísticas. Na conclusão, apresentaremos uma comparação detalhada dos dois cultos, baseada na análise anterior.

É compreensível que na abordagem de um período de tempo tão vasto e de um tema tão largo não seja possível mencionar tudo, nem sequer é esse o nosso intuito. O principal objetivo desta tese é fazer uma apresentação comparativa desses dois cultos, ou melhor, religiões afro-brasileiras, para um leitor comum que desconhece o tema em detalhes, e mostrar que, apesar de várias semelhanças entre elas, trata-se de duas religiões separadas e independentes.

Não encontramos nenhum trabalho de um estudioso checo que lidasse especificamente com esse tema. Podemos mencionar os autores como Miloslav Stingl, que fala marginalmente sobre o candomblé e a umbanda na sua obra *Černí bohové Ameriky* (Os Deuses Negros da América)<sup>1</sup>. Existem várias teses de bacharelado e

---

<sup>1</sup> Miloslav Stingl, Petr Pačes, *Černí bohové Ameriky, kapitoly o kultuře a dějinách Afroameričanů Latinské Ameriky a karibské oblasti* (Praha: Svoboda, 1992).

mestrado checos sobre o tema do candomblé. No entanto, a maioria deles é baseada nos estudos de estrangeiros, principalmente dos antropólogos brasileiros como Edison Carneiro, Nina Rodrigues, Pierre Verger ou do francês Roger Bastide. Este foi também o único autor traduzido para o checo; em 2003 saiu a tradução do seu importante estudo *Le Candomblé de Bahia* (1958), com o título *Bahijské kandomble*.<sup>2</sup> Em relação à umbanda, nenhum trabalho checo foi encontrado. As nossas fontes tornaram-se assim principalmente teses de universidades brasileiras, que oferecessem uma visão geral relativamente clara e abrangente, artigos acadêmicos e textos no internet destinadas aos fãs do candomblé e da umbanda.

---

<sup>2</sup> Roger Bastide, *Bahijské candomblé* (Praha: Argo, 2003), přel. Vladimíra Daňková.



# 1. Candomblé

## 1.1 A história do candomblé

### 1.1.1 O Processo do desenvolvimento

As religiões afro-brasileiras têm uma coisa em comum. Elas se originaram da síntese das culturas de três continentes – África, Europa e América. Este fenômeno, chamado de sincretismo, Vagner Gonçalves descreve-o pelo seguinte:

Assim, para falar das religiões afro-brasileiras, é preciso descrever o encontro destes três tipos de religiosidade, postos em contato com o descobrimento e durante a colonização portuguesa do Brasil: o catolicismo do colonizador que veio para cá, as crenças dos grupos indígenas que aqui já se encontravam e, principalmente, as religiões das várias etnias africanas.<sup>3</sup>

Candomblé, a mais conhecida das religiões afro-brasileiras, desenvolveu-se até à forma atual praticamente desde o início da colonização no século XVI, através da adaptação e síntese das crenças que vieram com os escravos do continente africano.

Trata-se de uma religião na qual todo conhecimento é passado oralmente, e algumas informações são até secretas. Até agora, essa religião é relativamente pouco documentada.<sup>4</sup>

Os portugueses começaram a negociar escravos da África para a Europa antes da descoberta do Brasil, por volta de 1470.<sup>5</sup> Como eles já tiveram experiências com o tráfico de escravos, não foi difícil incluir eles como mão-de-obra na sua colônia brasileira. Os primeiros escravos chegaram ao Novo Mundo provavelmente já em 1502. Ao Brasil é datado que os primeiros fretes de escravos chegaram em 1538.<sup>6</sup> Em 1549 fundou-se na capitania da Bahia a cidade de Salvador, que se tornou o futuro centro do Candomblé.

O comércio de escravos era relacionado com o desenvolvimento da empresa açucareira que nesse período estava crescendo e pareceu esperançosa sobretudo no Nordeste brasileiro. Trabalhar nas plantações de cana de açúcar exigia muita força de trabalho e,

---

<sup>3</sup> Vagner Gonçalves da Silva, *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira* (São Paulo: Selo Negro, 2005), p. 19.

<sup>4</sup> Petra Vegnerová, *Candomblé, historie a současnost*, tese de diploma (Praha: Univerzita Karlova, 2016), p. 16–19.

<sup>5</sup> *Ibid*, p. 16.

<sup>6</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé* (Almirante Tamandaré: Editora Jocum), p. 4.

como não havia o suficiente dela, primeiramente os índios começaram a ser usados como mão-de-obra e foram escravizados. A sua vantagem foi que eles eram muito mais acessíveis e baratos do que os negros. O preço, na década de 1570, por um escravo indígena, era cerca de sete mil-réis, enquanto um escravo africano custava por volta de 20 mil-réis.<sup>7</sup> No fim do século XVI, cerca de dois terços dos escravos no Brasil eram indígenas. Embora eles fossem três vezes mais baratos do que os negros, não eram trabalhadores eficazes. Eram incapazes de lidar com um trabalho tão exigente e ora rapidamente sucumbiam à morte, ora fugiam porque não queriam viver nessas condições terríveis. Por isso, os índios começaram a ser substituídos pela mão-de-obra barata vinda da África.<sup>8</sup>

No século XVIII, a escravidão indígena terminou totalmente quando Marquês de Pombal fez um conjunto de mudanças e transformações ligadas com a organização colonial.<sup>9</sup> No ano de 1757 a escravidão indígena foi oficialmente proibida.<sup>10</sup>

Os navios negreiros eram chamados *tumbeiros*. A viagem com os *tumbeiros* da África ao Brasil às vezes levou até dois meses.<sup>11</sup> Em relação à mortalidade dos escravos durante a viagem, no *Dicionário da Escravidão*, Clóvis Moura escreve: “Na travessia, era enorme a mortalidade, de tal modo que não se pode fazer um cálculo exato do seu montante.”<sup>12</sup>

A expectativa média de vida de um escravo depois de importação para o Brasil era de sete anos. Por causa da distribuição dos negros para as regiões diferentes no Brasil, os vínculos familiares eram quebrados. O tráfico de escravos no Brasil continuou até a sua abolição em 1850.<sup>13</sup>

Os escravos no Brasil não tinham uma vida sexual livre. Os casais eram escolhidos pelo senhor do engenho, para engendrarem filhos adequados para o trabalho, e depois os relacionamentos eram benditos pelo padre.<sup>14</sup> Por outro lado, os filhos mulatos, de senhores e escravas, recebiam às vezes tratamento especial. Os mulatos conseguiam, em

---

<sup>7</sup> Daniel Neves, *Escravidão no Brasil*, Brasil Escola [online] [cit. 27.03.2020], disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>.

<sup>8</sup> Vagner Gonçalves da Silva, *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*, cit., p. 17–33.

<sup>9</sup> Sebastião José de Carvalho e Melo, também chamado Marquês de Pombal, foi Secretário do Estado durante o reinado do D. José. Ele é erroneamente considerado como abolidor da escravidão. Ver Cristina Nogueira da Silva, “Memórias da Nação: foi realmente o marquês de Pombal que aboliu a escravatura em Portugal?” (Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2017), [online] [cit. 27.03.2020], <https://www.fd.unl.pt/Anexos/11562.pdf>.

<sup>10</sup> Daniel Neves, *Escravidão no Brasil*, cit.

<sup>11</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, cit., p.4.

<sup>12</sup> Clóvis Moura, *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil* (Brasil: Edusp, 2004), p. 287.

<sup>13</sup> *A Brief Overview of Umbanda and Candomblé*, p. 2 [online] [cit. 27.01.2020], disponível em: [https://www.ucis.pitt.edu/clas/sites/default/files/activity\\_sheet.pdf](https://www.ucis.pitt.edu/clas/sites/default/files/activity_sheet.pdf).

<sup>14</sup> *Ibid.*

alguns casos, subir socialmente e romper as barreiras da discriminação, muitos deles receberam sua liberdade antes da abolição da escravidão, no século XIX.<sup>15</sup>

Os escravos africanos recebiam um tratamento diferente dos indígenas. A escravidão indígena foi oficialmente proibida pela Igreja católica. Os clérigos jesuítas não concordavam com a transformação dos índios em escravos. Eles procuravam facilitar o processo de conversão religiosa dos índios.<sup>16</sup> Como um exemplo pode servir o escritor Padre António Vieira, que no século XVII lutou muito contra a escravização dos índios nos seus sermões. Ao contrário, aos escravos africanos era dito que tinham que obedecer às ordens e aos pedidos do senhor de engenho para alcançarem o céu e redimirem os pecados da sua alma. Geralmente o sofrimento deles era associado ao sofrimento de Jesus.<sup>17</sup>

O catolicismo, espalhado no Brasil pela Companhia de Jesus, foi a religião oficial e obrigatória. Cada pessoa que confessasse alguma crença diferente foi considerada um herege e, portanto, um inimigo do Rei. Em Portugal funcionou o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que controlava a situação religiosa. No Brasil o Tribunal não foi estabelecido propriamente, mas ocorreram muitas visitas de controle. Por causa da conversão obrigatória o catolicismo se integrou muito na sociedade brasileira. Além de missas, foi fortalecido através de várias cerimônias religiosas, festas, procissões, ladainhas, etc.

Por lei, cada escravo, após cinco anos da sua chegada ao Brasil, teve que ser obrigatoriamente batizado.<sup>18</sup> Ocasionalmente o batismo aconteceu imediatamente após o desembarque no porto. Infelizmente, a conversão não proporcionou um tratamento mais humano aos escravos, mas, por outro lado, a Igreja não se interessava muito pela real convicção religiosa do escravo. Ele foi considerado essencialmente como mão-de-obra, então castigá-lo pela sua confissão religiosa poderia causar prejuízo ao dono do engenho, que poderia perder uma força importante de trabalho. Bastava que o escravo só parecesse um cristão.

Os padres não prestavam muita atenção aos rituais africanos que os negros praticavam. Em vez disso, eles preferiam acreditar que era um culto aos santos cristãos, apenas na sua língua nativa. Eles viam isso como folclore. Mas essa não foi a única razão pela qual a

---

<sup>15</sup> José Honório Rodrigues, "The Influence of Africa on Brazil and of Brazil on Africa," *The Journal of African History*, vol. 3, n. 1 (março 1962): p. 60.

<sup>16</sup> Daniel Neves, *Escravidão no Brasil*, cit.

<sup>17</sup> Vagner Gonçalves da Silva, cit., p. 108.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 32.

aristocracia e a Igreja toleraram os rituais africanos. A rivalidade entre as tribos também se manifestava nas tradições culturais e impediu assim uma eventual revolta contra a minoria branca.<sup>19</sup> Os negros assim deram para os símbolos católicos novos significados. Divindades e várias entidades sobrenaturais africanas eram adoradas sob o nome de santos católicos. Isso permitiu a preservação dos cultos africanos no Brasil.<sup>20</sup>

A fusão de mais religiões foi também possível pelo fato de que no Brasil nunca houve uma forma ortodoxa de catolicismo como a conhecemos no Vaticano.<sup>21</sup>

É ainda importante mencionar que os escravos não pertenciam apenas à classe mais baixa da África; vieram de todas as classes, incluindo a classe mais alta da sociedade africana. Isso fez com que a sua contribuição cultural para o Brasil fosse ainda mais importante.<sup>22</sup>

No que se refere a religiões indígenas, hoje em dia é muito difícil dizer como eram, porque só pouca informação foi preservada. Os indígenas, apesar da catequese, muitas vezes não abandonaram totalmente as suas crenças e tradições.<sup>23</sup>

### 1.1.2 Ciclos do tráfico negroiro

Os escravos eram trazidos para o Brasil concretamente de três regiões: Guiné Portuguesa, Golfo da Guiné (Costa da Mina) e Angola (até Moçambique). Depois eram divididos em dois grupos principais: bantos e sudaneses.<sup>24</sup>

Luis Viana Filho, que estudou a evolução do tráfico de escravos para o Brasil, dividiu-o em três ciclos: o tráfico de escravos da Guiné, no século XVI; o comércio de escravos angolanos, do final do século XVI aos primeiros dois terços do século XVII; e, finalmente, um ciclo misto começando no final do século XVII e coincidindo com o período de mineração.<sup>25</sup> Os escravos que vieram para o Brasil no século XIX mantiveram a cultura viva. Isso foi fundamental para o surgimento do próprio candomblé. A divisão desta religião em várias nações reflete então origem histórico de grupos individuais.<sup>26</sup>

A etapa da Guiné ocorreu no século XVI. Poderia ser considerada como a primeira onda de importações de escravos para o Brasil. Como já foi mencionado, os primeiros

---

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Vratislav Lochman, *Iniciace v brazilském candomblé*, tese de mestrado (Brno: Masarykova Univerzita 2009), p. 28.

<sup>21</sup> *A Brief Overview of Umbanda and Candomblé*, cit., p. 1.

<sup>22</sup> José Honório Rodrigues, "The Influence of Africa on Brazil and of Brazil on Africa," cit., p. 60–61.

<sup>23</sup> Vagner Gonçalves da Silva, *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*, cit., p. 26.

<sup>24</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, cit., p. 4.

<sup>25</sup> Luís Viana Filho apud Jose Honorio Rodrigues, "The Influence of Africa on Brazil and of Brazil on Africa", cit., p. 54.

<sup>26</sup> Petra Vegnerová, *Candomblé, historie a současnost*, cit., p. 19.

navios chegaram à colônia por volta de 1540, nove anos antes da criação do governo central. Durante esse período, vieram poucos escravos e tiveram pouca influência sobre a cultura local. No Brasil nesse período foram distinguidos só dois tipos de escravos: os escravos locais (índios, chamados de negros da terra) e os da Guiné (negros da Guiné).

O grupo angolano ou também chamado o grupo angola-congolesa, incluía todos os escravos da África, portanto, quase certamente podemos supor que, além da atual Angola e Congo, essas pessoas também vieram de outras partes da África como Guiné ou Senegal. Não havia muitos negros no Brasil no século XVI, porque muitos morreram durante várias epidemias e eram cerca de cinco vezes mais caros que os escravos indígenas.<sup>27</sup>

A terceira onda de importações de escravos no século XVII outra vez consiste dos vários países africanos, especialmente dos países sudaneses que vieram principalmente da região de Mina, na costa da atual Nigéria, Benin e Togo. O porto mais famoso desta parte da África, que também era uma fortaleza, chamava-se São Jorge da Mina.

Adicionalmente, como o último estágio da importação dos negros pode ser considerado o comércio ilegal depois da abolição do tráfico negreiro. No total, por volta de 4 300 000 escravos foram importados do Brasil para a África.<sup>28</sup>

### **1.1.3 Classificação de escravos**

Os escravos eram classificados imediatamente no porto na África. Eram divididos em grupos segundo a sua procedência.<sup>29</sup> Eles foram adquiridos no interior por comerciantes de escravos chamados pombeiros. Os pombeiros eram frequentemente também negros que foram enviados ao interior para trocar ou comprar escravos. Voltaram um ou dois anos depois com centenas de negros que foram posteriormente enviados para o Brasil.<sup>30</sup>

Os dois grupos, bantos e sudaneses, tinham algo em comum, mas diferiam em muitos aspetos.

#### **1.1.3.1 Bantos**

Os bantos vinham do território onde atualmente encontramos os estados como Congo, Angola e Moçambique. Sua chegada ocorreu entre o fim do século XVI até século XIX. Daqui chegou a maioria dos escravos.

---

<sup>27</sup> Ibid., p. 16–19.

<sup>28</sup> Ibid. p.16.

<sup>29</sup> Vagner Gonçalves da, Silva, *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*, cit., p. 17–33.

<sup>30</sup> Jose Honorio Rodrigues, "The Influence of Africa on Brazil and of Brazil on Africa", cit., p. 49–61.

Pode-se dizer que o antigo reino do Congo foi a região delimitada pelo rio Zaire (ou Congo) ao norte, o rio Dande ao sul, o mar ao oeste e o rio Kwango ao leste. Angola teria sido a área entre os rios Dande e Longa, com uma vasta região no interior. Portanto a segunda onda da chegada de escravos é também chamada de “angola-congolesa”.<sup>31</sup>

A demanda por escravos aumentou por causa do crescimento do consumo de açúcar, e a importação de escravos de Angola foi muito mais rápida e eficiente do que de outras partes da África.<sup>32</sup>

Apesar de sua diversidade, os bantos sempre foram os preferidos no Brasil. A assimilação foi mais fácil para eles. Eram menos independentes, menos reservados, mais submissos à escravidão, mais falantes, pacíficos e adaptáveis do que os outros negros.<sup>33</sup> Eles conseguiram mais rapidamente aprender a língua e adaptar-se à nova cultura.<sup>34</sup> Depois da sua chegada ao Brasil, eles perderam uma grande parte das suas tradições e idiomas.

A sua sociedade na África não era muito hierárquica. Eles não tinham casas reais e concentravam-se em tribos menores. No Brasil, eram frequentemente encarregados dos trabalhos menos exigentes, como trabalhos domésticos ou nas oficinas.<sup>35</sup> No século XVII, começaram a surgir no Brasil várias organizações de escravos. Eram chamadas *irmandades negras*. Eles tiveram o objetivo de cuidar da vida espiritual dos cristãos negros. A fé dos bantos naquela época não era condenada pelos portugueses, ao contrário, os colonizadores gostavam de observar suas tradições.<sup>36</sup>

Os bantos deixaram marcas enormes na cultura brasileira – no folclore, no idioma, na música ou até na comida.<sup>37</sup> A alimentação brasileira tornou-se africanizada desde o início, com a introdução de óleo de palma ou vários pimentões. Como exemplo pode servir a comida chamada *acarajé* (um bolo de feijão cozido no óleo de palma) ou feijoada. Feijão com arroz foi consumido pelas classes média e trabalhadora, desde meados do século XVIII.<sup>38</sup>

Os membros das tribos bantos falavam línguas banto. Em banto existe uma palavra especial, *banzo*, que descreve a tristeza e o sofrimento que os escravos sentiam no período

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 49–61.

<sup>32</sup> Petra Vegnerová, *Candomblé, historie a současnost*, tese diploma, cit., p. 16–19.

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> Vagner Gonçalves da, Silva, *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*, cit., p. 17–33.

<sup>36</sup> Ibid.

<sup>37</sup> Daniel Neves, *Escravidão no Brasil*. Brasil Escola, cit.

<sup>38</sup> Jose Honorio Rodrigues. 2020, cit., p. 49–61.

da escravatura, quando tinham de desistir de sua cultura, religião, crenças, costumes, família e amigos, sem esperança de voltar para a África.<sup>39</sup>

Os estudos linguísticos brasileiros modernos não admitem influências gramaticais das línguas africanas no português falado no Brasil. Contudo, isso é válido só se aplica na estrutura da língua, porque no vocabulário podemos encontrar muitas influências das línguas bantos.<sup>40</sup>

O contato com o resto da população da época resultou em uma cultura que já não era nem banto nem europeia. A interação de várias influências criou as tradições brasileiras que conhecemos hoje.<sup>41</sup>

### **1.1.3.2 Sudaneses**

Por causa dos vários fatores o comércio entre a Bahia e a África mudou-se para o norte, para a costa da Mina. No século XVIII, os escravos começaram a importar-se da região onde hoje encontramos o país Sudão. O grupo dos sudaneses, porém, inclui pessoas de vários países da África Ocidental. Tratava-se da área do Golfo da Guiné e área do Golfo da Guiné. Hoje é o território de Nigéria, Benim, Gana e Togo. Os sudaneses vinham sobretudo até meados do século XIX.<sup>42</sup>

Havia três maiores fatores para a mudança. Primeiro, o surto de varíola que eclodiu em Angola. Segundo, o garimpo do ouro no Brasil, onde de repente foi necessária uma força de trabalho significativa. Terceiro, a produção de tabaco baiano, que também teve um impacto não negligenciável. O tabaco tornou-se um forte meio de pagamento na Costa da Mina. Os portugueses foram também os únicos comerciantes com tabaco nesta área.

A maioria dos sudaneses falava a língua ioruba. Para a extensão dessa língua realmente ajudou o fato que os missionários em algumas áreas ensinarem em iorubá. Essa língua, mais tarde, se tornou a língua principal do candomblé, que ainda hoje é usada.

Ao contrário do povo banto, os sudaneses era uma sociedade fortemente hierárquica, com um sistema de reis e príncipes. Também o caráter deles era bem diferente. Eles não queriam desistir de sua cultura. Eles vinham do ambiente urbano, o que lhes deu uma vantagem sobre outros escravos. O povo sudanês mostrou-se mais produtivo. Eles recebiam tarefas mais importantes e nobres do que os escravos que trabalhavam no campo.

---

<sup>39</sup> Daniel Neves, *Escravidão no Brasil*. Brasil Escola, cit.

<sup>40</sup> Jose Honorio Rodrigues. 2020, "The Influence of Africa on Brazil and of Brazil on Africa", cit., p. 49–61.

<sup>41</sup> Vagner Gonçalves da, Silva, *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*, cit., p. 17–33.

Os sudaneses lançaram as bases dos candomblés Ketu e Jeje. Essa divisão em Ketu e Jeje reflete o pertencimento histórico de cada grupo e vai ser descrita mais nos capítulos seguintes.

Estima-se que, no século XVIII no Brasil, 70% dos escravos eram de origem sudanesa e 30% eram de origem banto.<sup>43</sup>

Os bantos e os sudaneses tiveram uma evolução muito diferente no Brasil. Isso foi por causa de distância temporal e histórica entre as duas ondas de importação. O que também desempenhou um papel foi o número de escravos importados, a organização interior das suas comunidades e o contexto histórico.

Os bantos perderam uma grande parte de sua cultura – sua língua e muitas práticas religiosas gradualmente desapareceram. Os membros deste grupo eram muito adaptáveis e, eventualmente, perderam contato com seu país de origem. Além disso, na época da chegada dos povos sudaneses, esse grupo não era muito organizado.<sup>44</sup>

Os sudaneses eram, geralmente dito, pessoas mais nobres, o que também correspondia com o conteúdo de seu trabalho. A hierarquia forte da sociedade deles reflete-se posteriormente na formação do candomblé.

#### **1.1.4 Afro-brasileiros depois da abolição**

Desde a chegada dos escravos no Brasil até o fim da monarquia, o candomblé foi relacionado com a escravidão. A sua estrutura básica foi criada durante as primeiras décadas do século XIX. As práticas do ritual foram modificadas durante as últimas décadas da existência da escravidão, quando os escravos já estavam livres suficientemente para terem privacidade para a formulação da sua religião.<sup>45</sup>

Em 1830, oito anos depois de o Brasil ganhar a independência de Portugal, o novo Código Penal determina as consequências de ofensas contra a religião. Nos dias especiais como feriados e domingos os escravos começaram a ser permitidos pelos seus proprietários a praticarem os seus ritos. Com isso os senhores queriam impedir revoltas possíveis.<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> Petra Vegnerová, *Candomblé, historie a současnost*, cit., p.18.

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> P. C. Johnson, *Secrets, Gossip, and Gods: The Transformation of Brazilian Candomblé* (Oxford University Press, 2002), p. 79–100.

<sup>46</sup> A. da Silva Alves, *From Sàngò to St. George: Candomblé and its legitimization as a religion in Brazil*, [online] [cit. 27.03.2020], disponível em:



O Brasil foi o último país das Américas que aboliu a escravidão. Isso aconteceu pela Lei Áurea, que foi aprovada pelo Senado e assinada no dia 13 de maio de 1888 pela princesa Isabel, que foi regente do Brasil.<sup>47</sup>

A abolição da escravidão foi acompanhada de celebrações exuberantes de escravos. Apesar disso, na sociedade brasileira eles continuaram a sofrer com preconceitos e com a falta de oportunidades de trabalho.<sup>48</sup> Um ano depois da abolição foi proclamada a República. Imediatamente após a proclamação foram fundados os primeiros terreiros do candomblé.

Durante a Primeira República (1889 - 1930), o candomblé mudou-se da Bahia para a capital do país, o Rio de Janeiro. Entre 1872 e 1890 a população do Rio de Janeiro dobrou e, entre 1890 e 1920, dobrou novamente, para mais de um milhão de habitantes.<sup>49</sup> O Rio passou a ser o centro de cultura. Os brasileiros de ascendência africana deixaram plantações rurais e mudaram-se a centros urbanos.

A Constituição republicana brasileira, de 1891, declarou a liberdade religiosa, ou seja, o direito à liberdade de consciência religiosa. Devido a isso, a religião afro-brasileira não podia ser proibida, mas podia ser emancipada. Apesar dos atos legais de libertação, os terreiros do candomblé foram invadidos e destruídos em nome da proteção da saúde pública, mesmo que a liberdade de religião fosse proclamada. O desejo foi limpar a cidade do Rio de Janeiro e transformá-lo em uma "Paris tropical".<sup>50</sup>

Durante a Primeira República, modernizar, limpar e reconstruir o Rio significava pavimentar ruas e erguer monumentos, mas também transformar grupos sociais. Mais especificamente, significava mudar os afro-brasileiros para lugares menos visíveis.<sup>51</sup>

Os motivos médicos começaram a ser muito importantes nessa reforma social. As elites brasileiras tinham medo de doenças do dia, como febre amarela. Portanto, não surpreende que os primeiros antropólogos que escreveram sobre o candomblé também fossem médicos.<sup>52</sup>

---

[https://www.academia.edu/15040074/From\\_S%C3%A1ng%C3%B2\\_to\\_St.\\_George\\_Candombl%C3%A9\\_and\\_its\\_legitimization\\_as\\_a\\_religion\\_in\\_Brazil](https://www.academia.edu/15040074/From_S%C3%A1ng%C3%B2_to_St._George_Candombl%C3%A9_and_its_legitimization_as_a_religion_in_Brazil).

<sup>47</sup> Daniel Neves, *Escravidão no Brasil*, cit.

<sup>48</sup> Ibid.

<sup>49</sup> Johnson, P.C., *Secrets, Gossip, and Gods: The Transformation of Brazilian Candomblé*, cit., p. 79–100.

<sup>50</sup> A. da Silva Alves, *From Sàngò to St. George: Candomblé and its legitimization as a religion in Brazil*, cit.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Em termos das primeiras publicações acadêmicas sobre candomblé podemos encontra-los já na primeira metade do século XX. Em 1906, Nina Rodrigues escreveu “Os Africanos no Brasil”, que posteriormente foi publicado em 1933. Seguidamente esta problemática era desenvolvida por Artur

Além da proclamação da República, outro acontecimento importante na evolução do candomblé foi a Revolução de 1930, que levou mais tarde à criação do Estado Novo, em 1937, sob a liderança de Getúlio Vargas. Vargas foi o presidente do Brasil duas vezes, de 1930 a 1945 e de 1951 até o suicídio em 1954.<sup>53</sup> Ele descrevia-se como um católico rígido, embora não praticasse ativamente o catolicismo.<sup>54</sup> Quando Getúlio Vargas se tornou presidente, o candomblé acabou de ser considerado como algo exótico. Começou a ser visto uma expressão autêntica do Brasil.<sup>55</sup>

A sua atitude foi, contudo, bastante contraditória. Em 1935, a polícia trancou as portas do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, organizado por Gilberto Freyre, em Recife, porque as pessoas ricas estavam ofendidas pelo fato de uma mulher negra estar vendendo comida na frente do teatro, considerado um local de prestígio.<sup>56</sup> Apesar disso, Getúlio Vargas também autorizou e reconheceu alguns terreiros como terreiros oficiais nesse período. Uma explicação para o comportamento contraditório de Vargas pode ser a tentativa de consolidar a identidade nacional.

Candomblé foi-se tornando mais popular e difundido, mas sempre ainda foi marginalizado. Na década de 40, os elementos essenciais do candomblé já foram articulados.<sup>57</sup> Em 1940, o novo Código Penal "protegia alguns terreiros. Não foi permitido fazer um insulto de religiões, incluindo atos e objetos religiosos."<sup>58</sup> Durante o governo de Getúlio Vargas, o candomblé, embora com bastantes dificuldades, começou gradualmente a ser reconhecido publicamente como uma religião.

O próximo passo muito importante para independência do candomblé foi a criação da Federação Baiana de Religião Afro-Brasileira (ou FCAB), no ano de 1946. Essa federação continua a existir até hoje e cuida pelos interesses do candomblé. Depois de 1960, a organização registrou todos os terreiros. Os terreiros tiveram que anunciar e registrar cada cerimônia que depois teve de ser permitido pela Federação. Isso tornou possível pelo menos alguma forma de autogovernança.

---

Ramos e Edson Carneiro. Ver Ivete Miranda Previtalli, *Candomblé: agora é Angola*, p. 17. São Paulo, 2008, Petrobras.

<sup>53</sup> Femke van Eijk, *How Candomblé food habits reflect Identity dynamics*, Leiden: African studies center 2010, p. 6–7.

<sup>54</sup> Johnson, P.C., *Secrets, Gossip, and Gods: The Transformation of Brazilian Candomblé*, cit., p. 92.

<sup>55</sup> A. da Silva Alves, *From Sàngò to St. George: Candomblé and its legitimization as a religion in Brazil*, cit.

<sup>56</sup> Johnson, P.C., *Secrets, Gossip, and Gods: The Transformation of Brazilian Candomblé*, cit., p. 92.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 79–100.

<sup>58</sup> A. da Silva Alves, *From Sàngò to St. George: Candomblé and its legitimization as a religion in Brazil*, cit.

Em 1976, o presidente da Federação, Antonio Monteiro, escreveu ao governador da Bahia, Roberto Figueira Santos, uma carta solicitando ao candomblé a plena liberdade religiosa. O requerimento foi bem-sucedido. O governador, juntamente com o prefeito da cidade, o cardeal da Igreja Católica Romana e com as duas sacerdotisas do candomblé, fizeram uma declaração. O governador leu o Decreto n. 25095, que afirmava que, devido à liberdade de religião proclamada pela Constituição Brasileira, as cerimônias de candomblé não seriam mais consideradas como as festas folclóricas que teriam que ser registradas sob leis anteriores. Os impostos das cerimônias religiosas também foram abolidos. Com este Decreto, foi finalmente reconhecido o direito constitucional para proteger a liberdade de religião para os praticantes de candomblé na Bahia.<sup>59</sup>

A causa da legalização total do candomblé na Bahia foi, provavelmente, influenciada pelo desenvolvimento geral da indústria turística no Brasil, mas principalmente na Bahia. Na cerimônia da leitura do Decreto estavam presentes, além do governador e do prefeito, também o embaixador americano, junto com milhares de turistas. Todas as pessoas se reuniram para reconhecer o candomblé e como assim também promover o turismo na Bahia.<sup>60</sup>

O candomblé alcançou plena independência em 1988, quando a Constituição da República Federativa do Brasil estabeleceu o direito à liberdade de religião e culto.<sup>61</sup>

O candomblé foi criado por um processo em que é impossível saber exatamente quando e como começou e quando foi concluído. Trata-se de uma religião que está constantemente a evoluir e mudar sua forma histórica, geográfica e factual.

Atualmente, o candomblé está a ser modernizado, o que, infelizmente, às vezes pode levar ao esvaziamento do conteúdo original. No entanto, isso não pode ser univocamente generalizado porque sempre dependerá de cada comunidade separadamente.<sup>62</sup>

## 1.2 Características gerais do candomblé

As religiões de origem africana no Brasil estão espalhadas ao longo de toda a costa atlântica, desde o norte, junto à floresta amazônica, até à fronteira do Uruguai. No que se

---

<sup>59</sup> Eric P. Rice, *Black on display, The political Economy of Candomblé*, [online], [cit. 25.03.2020], disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/ilassa/conference/1999/papers/rice/Rice.htm>.

<sup>60</sup> Ibid.

<sup>61</sup> Federação de Candomblé do Brasil, [online], [cit. 25.03.2020], disponível em: <http://fecab.org.br/artigos/?art=libculto>.

<sup>62</sup> Eurico Ramos, *Revendo o Candomblé*, Mauad X, Rio de Janeiro, 2016. S/P.

refere ao candomblé, apesar de o seu centro ser a Bahia, com a cidade de Salvador, os seus cultos podemos encontrá-los em vários outros pontos do Brasil.<sup>63</sup>

Segundo o censo demográfico brasileiro IBGE do ano de 2010, neste ano candomblé e umbanda junto tiveram 588 797 dos seguidores dos 190 755 799 habitantes, isso é 0,31% da população. Candomblé mesmo teve mais de cento e sessenta mil (0,09%) e umbanda por volta de quatro centos mil (0,21%) dos seguidores. Cerca de quatorze mil pessoas são nos outros cultos afro-brasileiros menores<sup>64</sup>, como *Xangô* em Pernambuco, Alagoas e Sergipe, *Tambor de Nago* e *Canjerê* no Maranhão, *Batuque* no Rio Grande do Sul ou *Cabula* no estado do Espírito Santo.<sup>65</sup>

Sem embargo o número oficial dos adoradores do candomblé é enganosamente baixo. Como o candomblé foi muito perseguido no passado, muitos brasileiros se consideram católicos, mas praticam também o candomblé. Para o brasileiro médio, o candomblé é visto como parte integrante do catolicismo. Portanto alguns praticantes do candomblé se identificam como católicos porque eram batizados, mas não comparecem aos cultos católicos.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> Bastide Roger, *Bahijské kandomble*, cit., p. 37.

<sup>64</sup> <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/2094#resultado>. [online], [cit. 25.03.2020],

<sup>65</sup> Lúcia Gaspar, „Cultos afro-brasileiros: alimentação ritual“, [online], [cit. 25.03.2020], disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=956](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=956).

<sup>66</sup> A Brief Overview of Umbanda and Candomblé, cit., p. 1.

<b>Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião</b>	
<b>Variável - População residente (Pessoas)</b>	
<b>Brasil</b>	
<b>Ano - 2010</b>	
<b>Cor ou raça - Total</b>	
<b>Religião</b>	
<b>Total</b>	190.755.799
<b>Umbanda e Candomblé</b>	588.797
<b>Umbanda</b>	407.331
<b>Candomblé</b>	167.363
<b>Outras declarações de religiosidades afrobrasileira</b>	14.103
<b>Fonte: IBGE - Censo Demográfico</b>	

67

Candomblé não tem nenhum registro oficial. Tudo se passa só oralmente através dos ritos. No que diz respeito à formação de candomblé, transmite-se um certo mito. Embora a interpretação da origem varie de grupo para grupo, o mito a seguir pode ser considerado um mito geral:

O Deus Supremo, chamado Olodumaré, vivia originalmente na parte inferior do Céu. Nesse tempo não existia o mundo. Existiam só as infinitas extensões de água. Um dia, Olodumaré decidiu criar a Terra. Enviou um orixá chamado Oxalá para realizar essa tarefa. Olodumaré deu a Oxalá os materiais necessários para criar o mundo: uma pequena sacola de terra solta, uma corrente de ouro e uma galinha de cinco dedos.

Oxalá foi instruído a usar a corrente para descer do Céu. Quando desceu, empilhou a terra solta em cima da água. Em seguida, ele colocou a galinha na pilha de terra e ordenou que ela espalhasse a terra com os dedos dos pés pela superfície da água.

Quando terminou, Oxalá subiu a corrente ao Céu para relatar seu sucesso a Olodumaré que então enviou seu assistente, o camaleão, para verificar se a terra estava seca. Quando seu assistente garantiu que a Terra estava sólida, Olodumaré nomeou-a de Terra "Ile Ife".

<sup>67</sup> <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/2094#resultado>. [online], [cit. 25.03.2020].

Antes de se retirar para um nível mais alto do Céu, Olodumaré decidiu distribuir seus poderes sagrados. Ele uniu Oxalá, o orixá masculino da criação, e Yemanjá, o orixá feminino do oceano, que deram origem a um panteão de orixás, cada um possuindo uma parte do poder sagrado de Olodumaré. Assim, o poder divino de Olodumaré foi disperso. Então, um dia, Olodumaré chamou todos da Terra para o Céu e deu a Oxalá o poder sagrado de criar vida humana. Oxalá voltou à Terra e criou as pessoas.<sup>68</sup>

### Origem da palavra Candomblé

Vem de junção das duas palavras bantus; *kandombe-mbele* o que significa uma casa pequena designada para a iniciação dos negros. Outra abordagem dos vários pesquisadores é que Candomblé vem através da modificação fonética da palavra *Candombé* que é um certo tipo do atabaque que usavam as pessoas na Angola. A terceira opção é que a origem pode ser a palavra *Candonbidé*, que em bantu pode significar seja alogiar ou pedir alguma coisa.<sup>69</sup>

## **1.3 Tipos do candomblé**

Embora cada reino na África acreditasse na presença de deuses, cada um cultuava as divindades de formas diferentes. Quando esses povos foram levados da África para serem escravos no continente americano, espalharam uma mistura de tradições, que deu origem a várias vertentes do candomblé. Assim surgiram as nações do candomblé.<sup>70</sup>

As nações principais são: candomblé Ketu/Nago, Jeje, Angola e Caboclo. Dentro de cada nação há uma casa, unidade administrativa, chamada terreiro da nação. Habitualmente os terreiros têm os nomes simulares com a nação. Os terreiros maiores são os Terreiros de: Oyo, Ketu, Angola, Aleketo, Mina Jeje, Congo, Tapa, Xamba, Moçambique, Mina, Nago, Eba, Ijexa, Efan, Jebu, Jexa, Mucurumin e Hausa.<sup>71</sup>

O candomblé Ketu ou Nago é considerado o maior e o mais rico. Jeje, Angola e Caboclo não são tão influenciados pela cultura africana como o Candomblé Ketu.

---

<sup>68</sup> Marta Moreno Vega, *The Altar of my soul: The living traditions of santeira*. (Random House Publishing Group 2009), p. 9.

<sup>69</sup> Alessandra Amaral Soares, “Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil”, *RBSE*, p. 935, disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. [online], [cit. 25.03.2020],

<sup>70</sup> Carol, *Entenda as Nações do Candomblé e suas diferenças* [online], [cit. 01.04.2020], disponível em: <https://www.iqilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/nacoes-do-candomble/>.

<sup>71</sup> Nathaniel Samuel Murrell, *Afro-Caribbean Religions. An Introduction to their historical, cultural and sacred traditions* (Pensilvânia: Temple University Press, 2010), p. 168.

Portanto, há menos informações sobre eles.<sup>72</sup> No entanto, podemos dizer que as nações mais difundidas e fortes no Brasil são três: Ketu, Jeje, Angola.

Hoje os candomblés são, porém, muito modernizados, tendo perdido muito das suas origens e, por consequência, as práticas próprias do culto.<sup>73</sup>

Os adeptos do candomblé hoje em dia começam a professar o que veem no dia a dia, sem conhecerem a ritualística tradicional, originalmente africana. Com o tempo as mudanças acontecem sem qualquer tipo de controle.<sup>74</sup>

**Candomblé Ketu (Nago)** – Até agora trata-se do candomblé mais forte e mais popular no Brasil, que se encontra sobretudo na Bahia. Tem um poder tão grande que até o candomblé mesmo às vezes é chamado curtamente só de Nago. Outros nações de candomblé também praticam rituais Nago.<sup>75</sup>

Os deuses do candomblé Ketu são chamados Orixás. Esse grupo tem a origem sudanesa, sendo também chamado de grupo iorubá.<sup>76</sup> Segundo a lenda, este candomblé foi fundado por uma princesa da região de Ketu, hoje Benin, que queria preservar a cultura africana a todo o custo.<sup>77</sup>

**Candomblé Jeje/Jejê/Jéjé/Jejé/Djedje** – Os deuses do candomblé Jeje chamam-se os Voduns. A palavra Jeje vem da língua iorubá e significa “estrangeiro”. Nunca existiu, porém, uma nação de nome Jeje. O que é chamado como a nação Jeje é o tipo do candomblé que foi formado pelos povos africanos da região mítica da *Dahomé*, que era o território de vários reinos menores (por exemplo reino Dasa ou Save) nas áreas da atual Nigéria e Benin.<sup>78</sup>

A maior concentração de Jeje é na Bahia nas cidades Cachoeira e São Felix, aonde os primeiros negros viajavam depois de embarcarem em São Luís no Maranhão. Aqui esse tipo do candomblé é também conhecido como Tambor de Mina. Depois se espalhou pelo

---

<sup>72</sup> Ibid. p. 168-180.

<sup>73</sup> Eurico Ramos, *Revendo o Candomblé*, cit.

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> Ibid.

<sup>76</sup> Carol, *Entenda as Nações do Candomblé e suas diferenças*, cit.

<sup>77</sup> Ibid.

<sup>78</sup> Kateřina Mildnerová, „Tradiční africké náboženství vodun v Beninu. Kult Rodinných a královských předků”, *Antropoweb* [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://www.antropoweb.cz/media/webzin/webzin\\_3\\_2006/01\\_mildnerova.pdf](http://www.antropoweb.cz/media/webzin/webzin_3_2006/01_mildnerova.pdf).

Nordeste.<sup>79</sup> Além da Bahia, podemos encontrá-lo também na Amazônia e Rio de Janeiro.<sup>80</sup>

**Candomblé Angola/Congo (Banto)** – Representa uma mistura de traços originalmente bantos, oriundos da Angola e do Congo. O canto e também a maneira da dança e da batida dos tambores é muito específica e diferente dos outros candomblés. O terreiro é caracterizado por uma bandeira branca. O Pai de Santo é chamado *Tata Nkisi* e a Mãe de Santo é chamada *Mametu Niksi*. Os deuses das nações de Angola são os *Inkices* e o Deus maior é *Zambi*.<sup>81</sup>

O culto banto é consideravelmente difundido em todo o Brasil. Como todos os tipos do candomblé, também este pode ser encontrado nos estados da Bahia, mas também no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul.<sup>82</sup>

**Candomblé Caboclo** – Cultua além dos orixás também os espíritos ameríndios chamados Caboclos. Essa nação do candomblé pode ser incluída em outra nação ou existir separadamente. Frequentemente é misturada com os candomblés Ketu e Angola.

O caboclo aqui é considerado como o dono da Terra. Os espíritos são frequentemente os índios. Os caboclos populares são por exemplo: Tupinambá, Serra negra ou Pedra Preta. Candomblé caboclo pode ser encontrado em Salvador e municípios vizinhos.<sup>83</sup>

Em cada região do Brasil o candomblé é chamado de uma maneira diferente. Em Pernambuco no Recife podemos encontrar a denominação *xangô*, na Bahia permanece *candomblé*, no Rio de Janeiro *macumba* ou no Maranhão *Tambor de Mina*.<sup>84</sup>

Cada nação é em sua forma muito específica e tem as suas particularidades. O objetivo desse trabalho não é descrever essas nações em detalhes, também porque a interpretação dos cultos nem sempre é uniforme. Importante é perceber que o candomblé como tal tem várias nações e que teve uma grande influência na formação da cultura brasileira.

---

<sup>79</sup> *As três nações de Candomblé*, [online], [cit. 01.04.2020], disponível em: <https://lifestyle.sapo.pt/astral/praticas/cultos-a-natureza/artigos/as-tres-nacoes-de-candomble>.

<sup>80</sup> Paulo de Oxalá, *Nação Jeje*, 28.04. 2013, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://paulodeoxala.jimdofree.com/2013/04/28/na%C3%A7%C3%A3o-jeje/>.

<sup>81</sup> Carol, *Entenda as Nações do Candomblé e suas diferenças*, cit.

<sup>82</sup> <https://sites.google.com/site/candomblenacaoangola/povo-bantu>.

<sup>83</sup> Manuela, *Candomblé de Caboclo*, 22.08.2008, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://ocandomble.com/2008/08/22/candomble-de-caboclo/>.

<sup>84</sup> Cláudia Nevia de Matos, Elizabeth Travassos, Fernanda Teixeira de Medeiros, *Palavra Cantada, Ensaios sobre Poesia, Música e Voz* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2008), p. 72.



## 1.4 Cerimônias do candomblé

Todos os membros do terreiro participam dos preparativos das cerimônias do candomblé. A passagem do tempo e o programa no terreiro não são determinados pelo relógio, mas pelo desempenho de certas atividades e tarefas. Cada atividade deve ser concluída em um determinado período do dia. Isso define o tempo. É habitual não usar o relógio. Tudo é afetado pela intervenção dos deuses. Apenas começa quando tudo está pronto.<sup>85</sup>

O objetivo da maioria das atividades ritualísticas, tanto no candomblé quanto na umbanda, é criar comunicação entre a esfera terrestre e a esfera transcendental.

*Estado de santo* é um estado em que ocorre a posse. Também podemos encontrar a frase *cair no santo* ou *receber o santo*. *Estar do santo* significa a presença plena de um ser sobrenatural no meio, que podemos ver com mais frequência na umbanda do que no candomblé. *Bolar do santo* - significa quando um participante passivo de um ritual entra em transe.

A música e a dança no candomblé desempenham um papel muito importante. Ogãs (bateristas) nunca ficam possessos enquanto tocam. Uma dança de possessão dá esperança a outros membros da comunidade para receber força, ajuda e proteção diária. Através da dança, os deuses são chamados.<sup>86</sup>

### 1.4.1 Axé e Iwá

A relação entre seres humanos e divindades acontece através da força, ou energia vital, denominada “Axé”. Essa energia Axé perpetua saúde e vida. Segundo a tradição iorubana, além de Axé, existem outras duas forças, ou princípios: “Iwá”, ou possibilidade de existência, e “Abá”, que é o destino ou direção.<sup>87</sup>

As atividades rituais permitem que as pessoas entrem em contato com Axé. Cada terreiro tem o seu próprio Axé. Axé se materializa em um conjunto específico de elementos naturais que representam os orixás. Esses elementos são despertados durante

---

<sup>85</sup> Reginaldo Prandi, „O CANDOMBLÉ E O TEMPO. Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras“, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7719.pdf>, p. 44–46.

<sup>86</sup> Roderik Steel, „A new initiate’s story“, BBC, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/initiation.shtml>.

<sup>87</sup> Rodrigo Pereira, „Por uma outra diáspora: formação histórica dispersão dos terreiros de candomblé no Grande Rio“, *Saberes e Práticas Científicas*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1394030792\\_ARQUIVO\\_PEREIRA,R.2014.pdf](http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1394030792_ARQUIVO_PEREIRA,R.2014.pdf).

as cerimônias. Os objetos rituais no terreiro servem algo como os acumuladores deste Axé. Eles devem ser frequentemente alterados e mantidos.

Os membros de um terreiro de candomblé também são transportadores e destinatários de Axé através de orixás para o terreiro. Quanto mais velho o terreiro, mais forte o Axé. Da mesma forma, é necessário construir e fortalecer o relacionamento com o seu orixá por toda a sua vida, a fim de aceitar um bom Axé.<sup>88</sup>

Para o candomblé, um ponto importante é o equilíbrio. Isso pode ser alcançado através do relacionamento entre seres humanos e orixás. Todo filho ou filha de um santo é responsável não apenas pelo cuidado de seu orixá, mas também por manter o equilíbrio e a harmonia da família de seu santo e de todo o sistema de existência.

O candomblé sempre busca a força motriz que proporciona a vida. É essa força chamada Axé que garante a existência. Os crentes fornecem Axé através de sacrifícios aos orixás, alimentos preparados, frutas, velas, músicas ou cantos, que fortalecem. Dessa maneira, não se cria apenas uma troca de energias, mas também uma conexão entre os mundos físico e espiritual. A troca entre Orum (existência ilimitada) e Aiye (existência limitada), ou entre orixás e os seus filhos, é feita através de rituais e cerimônias religiosas. Isso permite o intermédio e o Axé e existência pode continuar.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> Sheila S. Walker, „Everyday and Esoteric Reality in the Afro-Brazilian Candomblé“, *History of Religions*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [https://www.jstor.org/stable/1062896?seq=3#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1062896?seq=3#metadata_info_tab_contents), p. 116–126.

<sup>89</sup> Daniel dos Santos Barbosa, “O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana”, *Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião* – UFJF, p. 76–84.

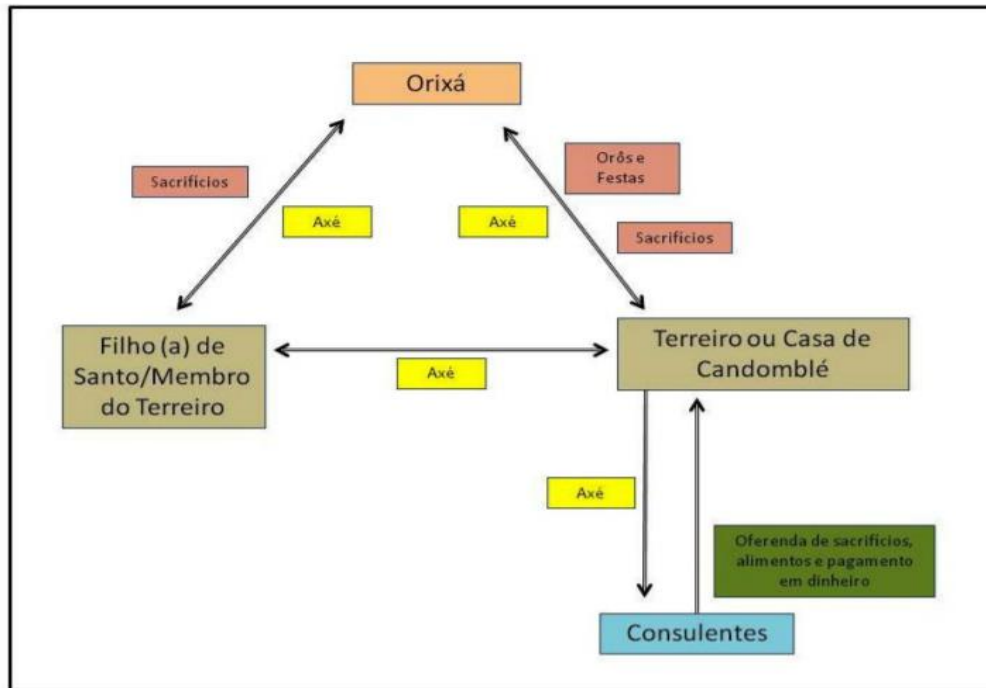


Figura 1. Circulação do axé em um terreiro de candomblé.  
Fonte: Adaptado de Pereira (2013a).

90

## 1.4.2 Terreiros

O terreiro de candomblé, também chamado casa-de-santo, casa das forças sagradas, casa, roça ou Ilê Axé, na língua iorubá, é ao mesmo tempo um templo e uma morada. A vida cotidiana mistura-se com os rituais dos orixás.<sup>91</sup> O terreiro está aberto para todos que o procuram. Os terreiros podem ter a hierarquia matriarcal, patriarcal ou mista. Cada lugar e objeto no terreiro tem a sua função. Sem isso Axé não poderia funcionar propriamente.

Terreiros são lugares sagrados que consistem de edifícios que possuem áreas externas separadas e lugares especiais para os deuses. Antes de entrar em um local sagrado, é sempre necessário limpar-se com água e ter a roupa limpa.

As pessoas que não planejam iniciar também podem ir à terreiro, porque querem conhecer seu destino ou apenas melhorar espiritualmente.<sup>92</sup>

<sup>90</sup> Rodrigo Pereira, „Por uma outra diáspora: formação histórica dispersão dos terreiros de candomblé no Grande Rio“, cit.

<sup>91</sup> Fernanda de Paula, Gabriella Fonseca Ribeiro, Ítalo Diego Teotônia, *Candomblé, vivendo uma nova experiência* (Betim Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011), p. 6–7.

<sup>92</sup> “Religions, Places of worship”, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: 15.09.2009, <http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/worship.shtml>.

O terreiro deve evocar a África mítica e perdida após a travessia no Atlântico.<sup>93</sup> Geralmente as casas de candomblé recebem o nome de seu fundador.<sup>94</sup>

Cada terreiro tem um orixá principal que protege o terreiro.<sup>95</sup> O culto dos orixás nos terreiros pode ser praticado em qualquer lugar, mas frequentemente se pratica fora da cidade, literalmente em roças e barracões, porque as festas podem durar até 21 dias.<sup>96</sup>

O terreiro é composto por várias partes:

**Barracão** – significa um lugar ou salão onde são organizados os encontros para fazer as festas públicas.<sup>97</sup> Usa-se desde os tempos da escravidão, mas qualquer tipo de edifício pode servir como um sítio para as cerimônias.<sup>98</sup> Trata-se do maior edifício do terreiro, cujo grande espaço interior permite as danças para orixás.<sup>99</sup>

**Tronqueira** – Fica na entrada ao terreiro. Pode ser chamada também porteira, casa de exú ou casa de esquerda. Server para proteger a casa. Encontramos aqui o assentamento das entidades. Na tronqueira são assentadas e firmadas as forças da que protegem os trabalhos do terreiro. Existem segredos armazenados aqui. Trata-se dum local determinado para Exú ou Pombas-Giras (versão feminina Exú). Este lugar poderia ser comparado a um para-raios que absorve as forças inimigas em potencial que poderiam emanar de Exú. É um espaço pequeno e separado, colado à parte externa do terreiro para proteger o templo. Podemos vê-lo imediatamente na entrada. Dentro desta sala existem instrumentos mágicos que têm funções especiais. Além disso encontramos aqui as oferendas para Exú ou paramentos e imagens.

**Casa das Almas (Congá)** – é um lugar mais importante no terreiro, designado para as almas dos mortos, onde são feitas as cerimônias principais. Encontramos aqui o Cruzeiro das Almas. Depois, há o *peji*, o que significa o altar, que é o centro da vibração. Pode ser uma sala extra ou uma parte do Congá. A família dos orixás reside aqui. No *peji* são feitas

---

<sup>93</sup> Daniel dos Santos Barbosa, “O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana”, cit., p. 84.

<sup>94</sup> Nathaniel Samuel Murrell, *Afro-Caribbean Religions. An Introduction to their historical, cultural and sacred traditions* (Pensilvânia Temple University Press, 2010), p. 169.

<sup>95</sup> Roderik Steel, A new initiate’s story, BBC, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/initiation.shtml.

<sup>96</sup> Fernande de Paula, Gabriella Fonseca Ribeiro, Ítalo Diego Teotônia – Candomblé, vivendo uma nova experiência, Pontifical universidade católica de minas gerais, 2011, p. 10.

<sup>97</sup> Ibid.

<sup>98</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, (Almirante Tamandaré: Editora Jocum), p.12.

<sup>99</sup> Roderik Steel, A new initiate’s story, BBC, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/initiation.shtml.

as oferendas para os orixás. Ele abriga as pedras sagradas especiais chamadas *Ita*. Nesta sala, os animais são sacrificados em homenagem aos orixás.<sup>100</sup> O que é ainda muito importante para mencionar é que a maioria dos terreiros de candomblé não possuem um altar. Isso é um atributo mais da umbanda. Há aqui também imagens de orixás, especialmente de Obaluae, orixá da morte. Cada terreiro difere segundo os orixás que tem em seu altar, mas sempre há pelo menos Oxalá, Obaluae e muitas vezes também Nãna. O retrato do Oxalá está no topo e no centro do Congá, à esquerda dele está Obaluae. Se o terreiro não pertence a orixá Nãna, este orixá está localizado aos pés de Oxalá. Também deve haver imagens dos orixás aos quais o terreiro pertence, bem como os orixás do Pai ou Mãe de Santo.

**Salão** – aqui esperam os médiuns para a cerimônia e preparam se nos rituais como feitura da cabeça. No terreiro a sala está localizada no lado oposto de Congá. Além disso, os atabaques são armazenados aqui.<sup>101</sup>

**Assistência** – Um local projetado para pessoas que não são membros do culto, mas que vieram a terreiro por algum motivo. Trata-se dum sítio designado para os visitantes do terreiro que querem assistir a cerimônia. Isso também, com ajuda das cortinhas, possibilita distinguir o espaço sagrado do espaço profano.<sup>102</sup>

Em terreiros mais velhos da umbanda podemos ver também o espaço para sentir dividido extra para mulheres e para homens.<sup>103</sup>

**Cozinha de Santo** – lugar onde a comida é armazenada e as refeições são preparadas para os santos

**Vestiários** – principalmente os vestiários são divididos separadamente para homens e mulheres. Os fatos necessários para os rituais são armazenados aqui, bem como roupas normais dos membros do culto.

---

<sup>100</sup> Miloslav Stingl, Pačes Petr, *Černí bohové Ameriky, kapitoly o kultuře a dějinách Afroameričanů Latinské Ameriky a karibské oblasti*. Praha: Svoboda, 1992, p. 101–103.

<sup>101</sup> Solange Salussolia Vaini, O Sagrado ganha Espaço: Um estudo de caso sobre a Umbanda, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3923/1/Solange%20Salussolia%20Vaini.pdf>, p. 50.

<sup>102</sup> Ibid., p. 50.

<sup>103</sup> Ibid.

**Banheiros** – Geralmente, há pelo menos dois banheiros no terreiro, um para homens e outro para mulheres.<sup>104</sup>

**Roncó** – é usado durante a iniciação dos noviços (abiãs). As pessoas que querem ser iniciadas no candomblé são aqui recolhidas durante o processo. Nesse lugar, os iniciantes entram propriamente em contato com os procedimentos rituais da casa.<sup>105</sup>

Além disso encontramos aqui também um pátio ao ar livre, onde as cerimônias também podem acontecer, uma sala de jantar, ou uma sala de estar para descansar, quartos das pessoas para dormir e, às vezes, também quartos especiais designados para certos orixás.<sup>106</sup>

No que se refere a terreiros mais importantes na história do candomblé, a primeira casa de candomblé foi fundada por três mulheres africanas solteiras, Iya Det, Iya Kala e Iya Nasso, em Barroquinha, em Salvador da Bahia, por volta de 1830, sendo hoje também chamada de Casa Branca. É um dos terreiros mais famosos do candomblé. A operação deste terreiro foi altamente ameaçada no início dos anos 80 do século XX, quando o lote do terreno, em que o terreiro está localizado, foi vendido. Houve vários protestos contra sua dissolução por seus membros, apoiados também por celebridades como o escritor brasileiro Jorge Amado ou pela Universidade Federal da Bahia. No final, o terreiro foi salvo. Esse terreiro no ano de 1986, como o primeiro terreiro, foi reconhecido um patrimônio nacional. Outros terreiros importantes são os terreiros do Gantios fundado no ano 1849<sup>107</sup> e do Axé Opô Afonjá fundado no começo do século XX, ambos em Salvador da Bahia.<sup>108</sup>

Um Pai de Santo famoso é por exemplo o Pai Toninho de Xangô de Recife, que é também o presidente do Culto Afro Brasileiro Assistencial São Pedro em São Paulo.<sup>109</sup>

---

<sup>104</sup> Luiz Carlos Peres, *Casa de Santo*, São José- Santa Catarina: 2017 Agbook LTDA, p. 33–36.

<sup>105</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, (Almirante Tamandaré: Editora Jocum), p.12.

<sup>106</sup> Ibid.

<sup>107</sup> Lisa Earl Castilho, Entre a oralidade e a escrita, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=AF5VCwAAQBAJ&pg=PA104&dq=Terreiro+do+Gantois&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiDmMvHqYrYAhXGQpAKHfkWAO8Q6AEIUDAH#v=onepage&q=Terreiro+do+Gantois&f=false>, p. 4.

<sup>108</sup> Júlia Morim, Terreiro Casa Branca / Ilê Axé Iyá Nassô Oká, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=1010:terreiro-casa-branca-ile-axe-iya-nasso-oka](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=1010:terreiro-casa-branca-ile-axe-iya-nasso-oka).

<sup>109</sup> Cabasp – Culto Afro Brasileiro Assistencial São Pedro, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [https://www.listamais.com.br/local/cad\\_idXXX95Zf/cabasp-culto-afro-brasileiro-assistencial-sao-pedro-sindicatos-e-federacoes-em-sao-paulo-sp](https://www.listamais.com.br/local/cad_idXXX95Zf/cabasp-culto-afro-brasileiro-assistencial-sao-pedro-sindicatos-e-federacoes-em-sao-paulo-sp).

Das famosas mães de santo podemos mencionar Mãe Stella de Oxóssi da Bahia em Salvador que viveu até 93 anos. Ela morreu em 2018.<sup>110</sup> E Mãe Menininha do Gantois também do Salvador que viveu entre anos 1894 – 1986.<sup>111</sup>

## 1.5 Estrutura Social

O candomblé não é tão hierarquizado como, por exemplo, a Igreja Católica, mas possui uma hierarquia social bem construída. Cada terreiro é uma unidade independente com seu líder espiritual, lugar sagrado e variações de interpretações das tradições africanas.

Cada membro do candomblé tem uma função dentro do ritual. Alguns sacrificam animais, alguns tocam batuque, outros preparam comida. Não se pode dizer com certeza que uma posição seria mais importante do que a outra. Na comunidade aqui todos são mais ou menos iguais. No entanto, existe uma hierarquia.

A hierarquia do candomblé pode ser dividida em sete graus. Fora da hierarquia ficam os ajudantes:

### Ajudantes:

**Ogã** – divide-se em Axogum ou Alabê. Eles estão presentes em rituais públicos e privados. Tocam bateria chamada atabaque. Trata-se dos membros muito respeitados na comunidade.<sup>112</sup>

**Axogum** – é responsável pelo sacrifício dos animais que são ofertados aos orixás.

**Alabê** – toca os atabaques e os outros instrumentos rituais.

**Equede** – cuida de objetos dedicados aos orixás.

**Iya tebexe** – recita orações e convida os deuses.

**Iya basse** – cozinha refeições sagradas que são consumidas durante a cerimônia.

Os membros do candomblé podem ser divididos em dois grupos: aqueles que recebem e aqueles que não recebem um santo.<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> Mãe Stella de Oxóssi, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/299-mae-stella-de-oxossi>.

<sup>111</sup> Os pais e mães de santo mais populares do Brasil, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://dicascidade.com.br/noticias/os-pais-e-maes-de-santo-mais-populares-brasil/>.

<sup>112</sup> Petra Tlčimuková, *Spirit Possession in Candomblé* (tese de bacharelado), Masarykova univerzita Brno, 2009, p. 22.

<sup>113</sup> Ibid.

### Hierarquia:

1. **Abiã** – é um noviço que ainda não é um membro válido da comunidade. Deve passar pela iniciação. Depois da iniciação torna-se filho de santo.
2. **Iaô** – já é um filho do santo que está a passar pela iniciação. Está no segundo grau da hierarquia. Ainda na maior parte das vezes não recebe a denominação de santo.
3. **Ebômi** – trata-se de Ião que alcançou todas as obrigações conectadas com a iniciação durante o período de sete anos. Já pode ser chamado de santo.
4. **Iabassê** – cuida das oferendas e dos objetos para os orixás. Não tem a denominação de santo.
4. **Agibonã** – ela fica também no quarto degrau. Cuida dos Iãos durante a iniciação. Mesmamente como Iabassê não tem a denominação de santo.
5. **Ialaxé** – tem a mesma função como Iabassê, não recebe o santo.
6. **Baba-Quequerê e Iaquequerê** – trata-se de pai ou mãe pequena. São os ajudantes do Pai ou a Mãe de Santo. Ajudam de acordo com as suas ordens. Eles podem ser abordados como santos.
7. **Baba-Iorixá e Ialorixá** (literalmente a esposa de Deus) – são os chefes do terreiro. Transmitem os ensinamentos através da fala. São chamados de Pai ou Mãe de Santo. Tal como na Igreja Católica os padres, eles são no candomblé representantes de Deus.<sup>114</sup>

As mulheres têm na sociedade uma posição muito importante. Elas exercem a função sacerdotal tão frequentemente como os homens. Em algumas correntes do candomblé elas até têm uma posição superior aos homens. Na tradição africana, as sacerdotisas tinham autoridade inquestionável. O candomblé Ketu é fortemente matriarcal. Por outro lado, no candomblé Angola e Jeje, destaca-se o lado masculino.<sup>115</sup>

O processo de uma nova pessoa gradualmente entrar na hierarquia é chamado *Bolar no santo*.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, (Almirante Tamandaré: Editora Jocum), p. 19.

<sup>115</sup> Nathaniel Samuel Murrell, *Afro-Caribbean Religions. An Introduction to their historical, cultural and sacred traditions*, Temple University Press, 2010, p. 168–180.

<sup>116</sup> Roderik Steel, *A new initiate's story*, BBC, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [<http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/initiation.shtml>].



## 1.6 Iniciação

Habitualmente o período de iniciação no candomblé é em total, no mínimo, sete anos. No entanto, o processo de iniciação varia dependendo do tipo de candomblé. Durante esse período são feitos os rituais de passagem, que são indicados por vários procedimentos. Antes da iniciação o sacerdote convida o iniciado a sua casa e descobre a importância de seus pais de sangue em sua vida. No começo, a Mãe de Santo determina, com a ajuda do jogo de búzios, qual orixá é destinado para o iniciante. Depois o iniciante recebe o fio de contas sagrado com as cores do seu orixá. Ele é notificado que este orixá vai estar o seu para o resto da vida. Depois acontece o sacrifício da cabeça de um pássaro para o iniciante poder receber este orixá durante o transe da possessão. O processo da iniciação não é nada barato. O Abiã precisa ter bastante dinheiro para pagar para todas as oferendas, comidas, animais, roupas cerimoniais etc. para a família do santo.

**Bori** – literalmente significa a oferenda da cabeça. Durante uma cerimônia privada, um dos membros da comunidade está destinado a ser o *BORI*, cuja função é a estimulação do orixá do dia, através da purificação e a alimentação deste orixá. O *BORI* deve primeiro passar por um banho ritual com folhas especiais, dadas pelo orixá, para se purificar. Posteriormente, a refeição para o orixá é colocada na cabeça do *BORI* para transferir a energia do orixá para ele. Isso também é chamado como *A alimentação da cabeça*. O *BORI* deve ser capaz de usar depois essa energia em atividades da vida diária.<sup>117</sup> *BORI* reforça a ligação entre o orixá e o Ião. O iniciador senta-se em um tapete em torno do qual são espalhados velas, alimentos e as coisas de um certo orixá. O Pai ou a Mãe de Santo sacrificam um pássaro cujo sangue é posteriormente usado como meio de pintar o corpo do noviço. Ao mesmo tempo o sangue deve “limpar” as coisas para o orixá. O pássaro sacrificado é então servido como refeição. Durante o processo da iniciação Ião não pode comer com os talheres e come só dos pratos do orixá dele. Senta somente no chão. Outra proibição é que não pode ter nenhuma relação sexual durante este período.<sup>118</sup>

**Orô/Feitura da cabeça/Fazer santo/Deitar para Santo** – Por um período de 21 dias o Ião está completamente isolado de tudo. Isso pode durar também até 30 dias, dependendo

---

<sup>117</sup> Sheila S. Walker, *Everyday and Esoteric Reality in the Afro-Brazilian Candomblé*, *History of Religions*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [https://www.jstor.org/stable/1062896?seq=3#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1062896?seq=3#metadata_info_tab_contents), p. 116–126.

<sup>118</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, (Almirante Tamandaré: Editora Jocum), p. 14.

da região. Durante este período o iniciador aprende as rezas, cantigas, línguas sagradas e o uso das folhas sagradas. Familiariza-se com o terreiro, aprende a canto e a dança, os mitos e todos os outros deveres relacionados. Toma as infusões de ervas que são estupefacientes. Isso permitirá que ele abra sua mente para os orixás. Finalmente, ele é batizado com o sangue de um animal de quatro patas. O animal sempre depende do orixá escolhido. Além disso deve dar as oferendas a Exú e aos ancestrais. Essa iniciação representa um renascimento. A partir deste momento, tudo começa de novo. O iniciante recebe um novo nome que é dado por seu orixá. A iniciação acaba com a pintura de giz sobre o corpo do iniciante com círculos e pontos. Frequentemente as pessoas que se iniciarem têm a cabeça raspada para facilitar o processo, mas não é obrigatório. Esse processo da pintura se chama ritual de *efún* e repete se por sete dias (também conhecido como sete dias de efún).

Depois do sétimo dia o noviço é apresentado à comunidade. Após esse processo, o Ião se tornou Ebômi. Agora começa a sua obrigação de sete anos. Durante esse período, ele recebe o seu cargo. Recebe um fio de contas e chamado *rungebe*.<sup>119</sup>

Em relação ao recebimento de um novo nome no contexto do batismo existem dois termos importantes:

*Orukó* – Embora exista um grande número de orixás, muitas pessoas têm o mesmo. O que ajuda a individualização adequada do orixá é o nome específico, chamado de *orukó*. Podemos ter vinte pessoas de um mesmo orixá, mas o *orukó* é o que vai individualizar o orixá na cabeça de cada uma daquelas pessoas iniciadas.<sup>120</sup>

## 1.7 Rituais do candomblé

Eles acontecem normalmente nos santuários dos terreiros durante a noite. A data da cerimônia geralmente corresponde ao dia do santo. Cada terreiro celebra a cerimônia de uma maneira um pouco diferente. Todas as pessoas de fora podem assistir a cerimônias como visitantes, sem participação. Contudo, a Mãe ou o Pai de Santo têm que o permitir. A preparação da festa, porém, não é acessível ao público. A preparação para o processo começa com o nascimento do sol.

A música é uma parte muito importante da cerimônia. Geralmente são utilizados três tambores, um pequeno, um médio e um grande. A batida dos atabaques serve para

---

<sup>119</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, (Almirante Tamandaré: Editora Jocum), p. 16–17.

<sup>120</sup> Eurico Ramos, *Reverendo o Candomblé*, 2011, Mauad Editora Ltda, Rio de Janeiro, S/P.

convocar os orixás que são invocados com cantigas. O som dos atabaques juntamente com o canto faz os participantes do ritual entrarem em transe. Os filhos incorporam assim os orixás através da dança. Eles dançam até o Pai ou a Mãe de Santo diz. Durante a dança os iniciados rezam para os seus orixás. As pessoas que praticam a dança, chamadas *sambas*, são frequentemente do sexo feminino. Homens também podem participar, mas a dança das mulheres deve ser invocadora dos orixás.<sup>121</sup> Elas sempre vestem roupa típica para o orixá do dia. Na maior parte das vezes a roupa é branca, mas pode ser mudada durante o processo.

Existem dois tipos de membros da comunidade do candomblé: iniciantes e membros da comunidade que têm funções diferentes.

Além dos membros da comunidade do candomblé podem vir ao terreiro pessoas de fora que procuram o Pai ou a Mãe de Santo para pedirem conselho, opinião, informação. Os Pais ou Mães de santo, como intermediários entre as pessoas e os orixás, descobrem informações sobre uma pessoa no jogo de búzios, com a ajuda de conchas. A maneira como as conchas caírem no jogo significa uma mensagem dos orixás que o Pai ou a Mãe de Santo depois interpreta.

A maior parte da atividade ritualística do terreiro não está aberta ao público e inclui apenas seus membros e seus orixás. Excepcionalmente, encontramos celebrações públicas abertas ao público, como desfiles, etc. Da mesma forma, desfiles públicos são precedidos por longos preparativos em privado.

No candomblé, o espírito não é tão frequentemente possuído como na umbanda. Existem tipos de candomblé que não têm nenhuma possessão com o espírito. No entanto, poderíamos dividir a própria possessão em três tipos. O primeiro diz respeito a indivíduos não iniciados. Isso acontece muito pouco, por exemplo, durante cerimônias públicas. Pode ser tomado como um sinal de que a pessoa deve ser iniciada. Outro tipo é a posse do espírito durante a iniciação. Durante os primeiros três meses, podemos observar um estado chamado *erê*. Durante isso o espírito que posse tem uma forma infantil. O terceiro e mais comum tipo é posse durante rituais dedicados aos orixás.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Miloslav Stingl, Pačes Petr, *Černí bohové Ameriky, kapitoly o kultuře a dějinách Afroameričanů Latinské Ameriky a karibské oblasti*. Praha: Svoboda, 1992. p. 101–103.

<sup>122</sup> Petra Tlčimuková, *Spirit Possession in Candomblé* tese de bacharelado (Masarykova univerzita Brno), 2009, p. 35.

### 1.7.1 Curso do ritual

Em geral, a sequência exata do ritual não pode ser determinada, pois cada cerimônia difere dependendo do orixá, o espírito adorado naquele dia. Há cerimônias à espera de qualquer entidade sobrenatural. Na maioria dos casos, porém, é esperado um espírito, um orixá específico, ao qual tudo se adapta.

O curso do ritual pode assumir a seguinte forma: No início, Exú deve ser homenageado para que toda a cerimônia corra bem. Esse processo tem três partes.

**1. Sacrifício** – Esta cerimônia começa com um sacrifício a também com uma oferenda para Exú. Acontece à tarde. Somente membros da comunidade de santo podem estar presentes. Há pelo menos dois animais incluídos. Um deles tem que ter duas patas. Serve para Exú. O segundo deveria ter quatro patas. É do sexo feminino ou masculino, depende do sexo do orixá que está adorado naquele dia. Os animais são matados pela pancada na parte de trás do pescoço. Esse ato é realizado principalmente por um novo iniciador, especialmente treinado para isso. A cabeça é então cortada e deixada sangrar completamente. Após esse ato, o sacrifício de animais por Exú é considerado bem-sucedido.<sup>123</sup>

**2. Oferenda** – Esta parte do ritual acontece fora. Os filhos de santo assim incorporam os orixás. Coração, fígado, estômago, asas, pernas e cabeça são cortados e inseridos em uma panela de barro chamado *alguidar*. O sangue é recolhido em um jarro. Seguidamente é vertido sobre o povoamento, ou seja, o local onde ficam os objetos e símbolos. Os remanescentes servem para o jantar ou são oferecidos para os orixás.

**3. Encerramento** – Isso serve para mandar Exú embora. Exú forma uma ponte entre o mundo das pessoas e os orixás e também é quem convida mais orixás para a festa. Você precisa agradecê-lo e oferecer sua refeição favorita. Como Exú é o mestre das interseções, muitas vezes é possível ver os sacrifícios diretamente nas estradas.<sup>124</sup>

Depois que o processo de adoração de Exu termina, pode se seguir para o próprio ritual. Os membros do culto ficam no meio da área de dança. Eles começam a cantar, tocar atabaques e dançar para convocar um orixá. O ritmo da bateria e a intensidade do canto aumentam. Isso também afeta a dança. Dessa maneira, o orixá é chamado. Assim que o orixá chegar, é preciso mudar de roupa. Geralmente é alterado da roupa branca para

---

<sup>123</sup> Pr. Marcos de Souza Borges/Coty, *Revista do Candomblé*, (Almirante Tamandaré: Editora Jocum), p. 8–10.

<sup>124</sup> Ibid.

azul ou branco-azul. Depois de mudar, volta-se a dançar novamente. Posteriormente, o orixá deixa o ritual e volta ao reino divino para Olodumaré. Os membros param de dançar, a música para também. Nesse ponto, toda a comida preparada para o orixá é comida e bebida.

Durante o ritual, as dançarinas se preocupam com a escolha das roupas. Geralmente, saias brancas longas com renda e várias saias são usadas. A saia também pode ser azul. A parte superior é geralmente composta de uma blusa. As contas são usadas como jóias nas quais há cruzadas ou medalhões. Um xale branco está enrolado na cabeça, como um turbante. Homens vestem calças brancas e camisas brancas.<sup>125</sup>

A denominação dos deuses depende da origem do povo. As divindades do candomblé Jeje chamam-se os *Voduns*, deuses das nações de Angola são os *Inkices* e do candomblé Ketu são chamados *Orixás*. Nesta seção focaremos mesmo no culto aos deuses Orixás, do candomblé Ketu/Nago, pois como já mencionámos, o candomblé Ketu é o mais difundido e nesse respeito as fontes são as mais elaboradas. Outra coisa que complementa o assunto de nosso interesse é que o culto aos orixás não se encontra só no candomblé, mas também na umbanda.<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> <sup>125</sup> Petra Tlčimuková, *Spirit Possession in Candomblé* tese de bacharelado (Masarykova univerzita Brno), 2009, p. 39–42.

<sup>126</sup> Eurico Ramos, *Reverendo o Candomblé*. 2016. S/P.

## 2. Entidades sobrenaturais nas religiões afro-brasileiras

Os orixás são originalmente as divindades das tradições iorubás das religiões africanas. Funcionam como intermediários entre os seres humanos e o ser supremo, Olodumare, que governa sobre todos. Cada orixá incorpora um aspecto do poder criativo de Olodumare de forma personalizada, representando fenômenos naturais e qualidades humanas.<sup>127</sup>

O culto aos orixás é a parte integrante do candomblé. A consulta aos orixás é possível através do antigo sistema de adivinhação conhecido como *Ifa*, no qual a resposta para um problema está contida em uma série de versículos e parábolas. Os orixás individuais também são invocados regularmente através do ritual de posse, através de músicas, danças e ritmos de bateria específicos para eles. Em cerimônias chamadas *batuques*, *toques* ou *festas*, os orixás são convocados para possuir temporariamente devotos iniciados, embora às vezes selecionem um indivíduo não iniciado de sua própria escolha. Quando o orixá chega, ele pode se comunicar diretamente com os fiéis ou, indiretamente, com a assistência de um iniciado sênior.<sup>128</sup>

Cada indivíduo tem um orixá como um guardião pessoal. O relacionamento entre uma pessoa e seu orixá é simbolizado por missangas usadas nos pescoços dos iniciados com as cores significativos para cada orixá. Os devotos trazem presentes e ofertas aos orixás nos dias sagrados para eles. Muitos ritos de culto ao orixá passaram a fazer parte da cultura popular brasileira, como o tributo anual a Yemanjá, no dia segundo do fevereiro,<sup>129</sup> no Rio de Janeiro ou em Salvador, quando presentes e flores são enviados ao oceano em barcos em miniatura com orações para o ano novo.

No conceito de orixá, o mundo está dividido em duas formas de existência - ilimitada e limitada, ou Orum e Ayie. Os humanos e toda a existência física ou material encontra-se no Aiye. Os Orixás em algumas ocasiões também têm a permissão de entrar nesta forma de existência limitada, porque têm a responsabilidade por reger o Aiye. Esses dois termos, Orum e Ayie, se relacionam no mito da criação do candomblé, quando o Deus supremo Olodumaré vivia no espaço sagrado e criava um espaço especial especialmente para os seres humanos.

---

<sup>127</sup> ENCYCLOPEDIA, Kim. D. Butler, Orixás, [online], [cit. 27.03.2020], disponível em: <https://www.encyclopedia.com/humanities/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/orixas>.

<sup>128</sup> Ibid.

<sup>129</sup> Eduardo Vanini, Iemanjá:oito curiosidades sobre a historia da rainha do mar, [online], [cit. 02.02.2020], disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/cultura-em-gente/iemanja-oito-curiosidades-sobre-historia-da-rainha-do-mar-24222250>.

No passado, segundo o mito, os Orixás viviam como seres humanos. Eles faziam as mesmas coisas e atividades como os humanos... Mas eles tinham habilidades especiais que os distinguiam dos humanos. Conseguiram por exemplo curar as doenças ou ter o poder sobre os ventos e as tempestades.

O número de Orixás no Brasil é muito menor do que o número de Orixás que eram cultuados na África pelos iorubanos. No Brasil persistiram aqueles Orixás que poderiam ajudar os escravos durante o tempo da escravidão. Por exemplo, os Orixás da caça não eram importantes nesse período porque os escravos trabalhavam sob o olhar dos seus donos e não podiam ter armas.

Cada Orixá é portador de forças naturais e tem a tarefa de administrar o universo. Todos têm várias responsabilidades, de acordo com suas especificidades.<sup>130</sup> Cada um tem os seus atributos típicos como é, por exemplo, a cor, a comida, o dia da semana, o objeto.<sup>131</sup> Cada um é, portanto, cultuado de maneira diferente e tem os gestos e preferências bem particulares; desde a comida que lhe é oferecida até à vestimenta que deve ser usada nos rituais e dias de festa.

Existem muitos orixás adorados no Brasil. Apenas os mais importantes serão mencionados. Muitas vezes um orixá é identificado com um santo católico individual, embora as interpretações às vezes sejam inconsistentes a esse respeito e o santo não é só um, mas vários. Cada orixá é adorado em um dia da semana, embora os iorubás tivessem apenas cinco dias por semana.

Como na mitologia grega ou nos santos cristãos, os orixás estão entrelaçados, têm qualidades e ações personalizadas.<sup>132</sup>

## 2.1 Orixás mais importantes

Olodumaré / Olorum na umbanda – Trata se do Deus Supremo e reina acima de todos os orixás. A origem de Olodumaré é duvidoso. Ele é imprevisível e não respeita a justiça e a moral. Nenhum culto lhe é destinado. Ele criou os orixás para governarem e

---

<sup>130</sup> Daniel dos Santos Barbosa, “O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana”, *Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião* – UFJF, p. 76–84.

<sup>131</sup> *Ibid.*

<sup>132</sup> Miloslav Stingl, Pačes Petr, *Černí bohové Ameriky, kapitoly o kultuře a dějinách Afroameričanů Latinské Ameriky a karibské oblasti*. (Praha: Svoboda), 1992, p. 101–103.

supervisionarem o mundo. Olodumaré pode julgar as desavenças que possam surgir entre os orixás.<sup>133</sup>

Oxalá / Oshalá/ Obatalá / Oxalufá – É um dos filhos mais velhos do Olodumaré. Recebeu o saco de criação para criar o mundo.

Característica: É o orixá de dois mundos: Céu e Terra. Consegue criar as pessoas. Ele é artista e professor dos divinos. Ensina como ser criativo e como buscar melhores soluções. Além disso ensina a importância da persistência para alcançar objetivos. Personifica paciência e frescura. Os filhos dele não podem comer azeite nas sextas-feiras. Durante esse tempo comem peixe, ou açaí. As oferendas para Oxalá são por exemplo velas brancas ou flores brancas.<sup>134</sup>

Elemento natural: ar

Dia de Semana: sexta-feiras, celebrado no dia 15/01

Símbolo: paz

Cor: branca

Sincertismo: Senhor do Bonfim ou Jesus Cristo

Comida: milho branco e inhame<sup>135</sup>

Lenda: já mencionado no mito sobre a criação

Yemanjá / Yemayá / Iemanjá

Característica: É um orixá feminino mais popular e muito honrado. É a mãe da criação, também considerada a mãe de todos os orixás. Reside no oceano.<sup>136</sup> Possui tesouros secretos das profundezas do mar conhecidos apenas por ela. É sábia, ao mesmo tempo gentil, querida e feroz. Está associada a sereias.<sup>137</sup>

Elemento natural: mar e oceano

Dia de Semana: sábado

Símbolo: espelho e pente

Cor: como as ondas; azul e branco

Sincertismo: Nossa Senhora dos Navegantes, celebra-se no dia 2 de fevereiro<sup>138</sup>

---

<sup>133</sup> Pierre Fatumbi Verger, *Orixás*. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981, p. 21.

<sup>134</sup> Carol, Tudo Sobre Oxalá – O Pai, Criador dos Homens, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iqilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-oxala/>.

<sup>135</sup> Ibid. p. 41–67.

<sup>136</sup> Marta Moreno Vega, *The Altar of my soul: The living traditions of Santeira*. Random House Publishing Group 2009, p. 21–41.

<sup>137</sup> Pai Alexandre Falasco Todos, Iemanjá, *Giras de Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/iemanja/>.

<sup>138</sup> Carlos Renato Asséf, *O Candomblé e os seus Orixás*, São Paulo, LeBooks 2014, p. 19.



Comida: todos os tipos de melão, especialmente melancia e melão

Lenda: Os seus seios tornaram-se enormes e muito cheios por causa da amamentação de todos os seus filhos. Ela tinha muita vergonha disso. Então decidiu abandonar o esposo dela e buscar a sua própria felicidade. Apaixonou-se pelo rei chamado Okerê. Uma vez, quando Okerê se emborrachou, começou a falar sobre os seios de Yemanjá de uma maneira grosseira, Portanto, ela decidiu fugir novamente. Fez uso da poção que recebeu do seu pai. Assim se transformou em um rio. Okerê decidiu impedi-la no caminho, de modo que se transformou em uma montanha. Felizmente o seu filho Xangô abriu passagem no meio dos vales criados por Okerê, e Yemanjá conseguiu seguir seu caminho, tornando-se então a Rainha do Mar.<sup>139</sup>

Oxum / Oshun / Osúm / Oxun

Característica: É a deusa do mel e amor. É muito linda e sensual. Mantém um equilíbrio entre as emoções, a fecundidade e a natureza. Ela é frequentemente buscada em questão dos relacionamentos.<sup>140</sup> Vive em água doce (rios, nascentes, lagoas e cachoeiras). Os seus domínios são fertilidade, beleza e amor. Ele está tentando fazer para as mulheres e crianças não serem negligenciadas ou abusadas, porque o mundo estaria assim em desordem.<sup>141</sup>

Elemento natural: água doce

Símbolo: espelho

Dia de Semana: sábados, junto com sua mãe Yemanjá

Cor: amarela

Sincertismo: Nossa Senhora Aparecida

Comida: adora alimentos ricos e salgados, como ervilhas de olhos pretos cozidos com camarão e óleo de palma<sup>142</sup>

Lenda: Seu pai é Oxalá sempre fez tudo o que a sua filha desejava. Oxalá era muito sábio e também consultava frequentemente Ifá, Deus da Adivinhação. Então Oxum também queria conselhos de Ifá, mas Ifá disse que deveria perguntar a Exú, porque ele podia ver o destino nas conchas. Mas quando Oxum veio para Exú, ele recusou. Oxum

---

<sup>139</sup> Carol, *Tudo sobre Iemanjá*, [online], [cit. 01.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/iemanja-rainha-mar/>.

<sup>140</sup> Carol, *Tudo sobre Iemanjá*, [online], [cit. 01.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/iemanja-rainha-mar/>.

<sup>141</sup> Carlos Renato Assef, *O candomblé e seus Orixás*, São Paulo, LeBooks, 2014, p. 34-35.

<sup>142</sup> Marta Moreno Vega, *The Altar of my soul: The living traditions of Santeira*. Random House Publishing Group 2009, p. 87-105.

foi à floresta ver a bruxa Yami, para aprender a fazer magia. Mas a bruxa era travessa, ela lhe ensinou um feitiço. Oxum então foi para Exú, com poeira brilhando nas mãos. Quando ela se aproximou, jogou poeira no rosto de Exú e ele temporariamente cegou. Exú começou a fingir ter medo e pediu ajuda com as suas conchas. Enquanto dobrava as conchas, Oxum teve tempo de fazer todas as perguntas que precisava. Graças à sua coragem, mais tarde tornou-se uma regente.<sup>143</sup>

### Yansan / Iansá / Oyá

Característica: É a rainha da alegria, deusa dos ventos e tempestades e direcionamento. Ela é uma guerreira, sensual e inteligente. Ajuda as pessoas renascer em outra vida. Odeia injustiça, preconceito e não-originalidade. Às vezes é caprichosa. É graciosa quando está feliz, mas quando está zangada pode ser tão forte como Xangô.<sup>144</sup>

Elemento natural: o fogo

Dia de Semana: quarta-feira

Cor: vermelho e preto

Comida: bolinhos de feijão e mel<sup>145</sup>

Lenda: Seu mito está ligado ao orixá Obaluae. Yansan foi ao reino de Obaluae para conhecer todos os seus segredos. Quando ela entrou no reino, começou a dançar para chamar a atenção dele. Obaluae finalmente consentiu e disse que lhe ensinaria a lidar com os mortos; Eguns. Yansan hesitou no começo, mas ela queria ter o conhecimento. Segundo outra lenda, Yansan acabou se tornando o comandante de Eguns e ganhou poder sobre os mortos.<sup>146</sup>

### Xangô / Shangó

Característica: É o mestre dos trovões e relâmpagos, orixá da justiça. É destinado para fazer guerra, representa o exercício do poder. É formoso, charmoso, sensual e inteligente. Adora festas e a comida apimentada, a bebida, a ação e a vida. Diz que é importante aprender a controlar os nossos ânimos efetivamente. Para fazer fogo, Xangô deve se juntar

---

<sup>143</sup> Carol, Oxum – Tudo sobre a Orixá Mãe do Amor, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-oxum/>.

<sup>144</sup> Marta Moreno Vega, *The Altar of my soul: The living traditions of Santeira*. Random House Publishing Group 2009, p. 105–125.

<sup>145</sup> Carlos Renato Assef, *O candomblé e seus Orixás*, São Paulo, LeBooks, 2014, p.53.

<sup>146</sup> Carol, Tudo Sobre Iansã Ou Oyá, Orixá do Direcionamento, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-iansa-oya/>.

a Yansan. Ele tem 3 mulheres – Yansan, Oba e Oxum. Elas eram as governantes de 3 rios nigerianos na África.<sup>147</sup>

Elemento natural: fogo

Dia de Semana: quarta-feira

Simbolo: o machado de duas faces

Cor: vermelha e branca

Sincertismo: São Jerônimo

Comida: camarão, rabada<sup>148</sup>

Lenda: Ele nasceu para manter a justiça. Uma vez os seus inimigos destruíram todo o seu exército. Xangô precisava esclarecer a situação, então foi meditar. Ele cogitou um plano para derrotar o inimigo. Como ele refletia, ficou enfurecido e golpeou a pedra com um martelo. Despejaram faíscas que destruiriam até o inimigo. E assim ele fez. Mas ele ainda estava cheio de ódio. Ele ergueu o martelo para o céu, criou um raio que destruiu todos os inimigos dele e libertou os guerreiros, que poderiam ajudar a servi-lo.<sup>149</sup>

### Ogun / Ogum

Característica: É deus do ferro, aço, guerra e revolução. É imbatível. Protege os agricultores, militares e motoristas. Em umbanda é saudado imediatamente depois de Exú. Os filhos de Ogun são bem identificáveis. São os líderes naturais, decididos e impulsivos. Primeiramente agem e depois pensam. Ogun executa a lei e por isso não julga.

150

Dia de Semana: terça-feira

Elemento natural: fogo

Simbolo: escudo, espada e capecete

Cor: azul escuro

Sincertismo: São Jorge

Comida: feijões fritos<sup>151</sup>

### Nãna / Nãna Buruque / Nana Borodo

---

<sup>147</sup>Marta Moreno Vega, *The Altar of my soul: The living traditions of Santeira*. Random House Publishing Group 2009, p. 125–141.

<sup>148</sup> Carlos Renato Asséf, *O candomblé e seus Orixás*, São Paulo, LeBooks, 2014, p. 38–39.

<sup>149</sup> Carol, Tudo Sobre Xangô – Orixá da Justiça, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-xango/>.

<sup>150</sup> Mãe Silmara Falasco, Ogum, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/ogum/>.

<sup>151</sup> Carlos Renato Asséf, *O candomblé e seus Orixás*, São Paulo, LeBooks, 2014, p. 26.

Característica: É conhecida também como mãe ou avó. Controla a adolescência e o equilíbrio emocional. Ela controla a terra e a água de onde também extrai energia. Inclui dois orixás em um. Está associada aos conceitos de velhice, menopausa, sexualidade feminina e senilidade. Lida com a memória humana.

Dia de Semana: terça-feira

Elemento natural: terra e água

Símbolo: caranguejo

Cor: violeta

Sincretismo: Santa Ana

Comida: ovo, camarão seco<sup>152</sup>

Lenda: Ela era a rainha de todas as pessoas e tinha o poder de controlar a vida e a morte. Oxalá também queria ter essa habilidade, então ele se casou com ela. Mas o casamento não era por amor. Oxalá queria se aproximar dela, engravidando-a com um feitiço. O filho deles, Omolu, nasceu. Infelizmente, desde muito jovem, ele teve grandes problemas de pele. Por causa disso, Nãna deixou o bebê na praia. Omolu foi encontrado por Yemanjá, que o aceitou como se fosse seu. Assim que Oxalá aprendeu o que Nãna queria fazer, ele a rejeitou e a condenou para ter mais filhos com anomalias. Ela foi expulsa do reino divino e acabou nos pântanos.<sup>153</sup>

#### Logunan / Oyá Tempo

Característica: É um orixá feminino importante na doutrina da umbanda chamada Sete Linhas da umbanda. Consegue impedir o fanatismo religioso. Ajuda quando queremos um desenvolvimento espiritual adequado, harmonia e equilíbrio mental. Os filhos dela são introvertidos e fechados, mas educados e simpáticos. Costumam sofrer em silêncio.

Dia de Semana: cada dia é o seu dia, mas celebra-se no dia 11 de agosto.

Cor: preto, azul e branco

Sincretismo: Santa Clara

Lenda: Quando Olodumaré criou o mundo, ele percebeu que as coisas não estavam se mexendo e que nem a vida nem o tempo existiam. Ele queria alguns detalhes, beleza e

---

<sup>152</sup> Carlos Renato Assef, *O candomblé e seus Orixás*, São Paulo, LeBooks, 2014, p.57.

<sup>153</sup> Carol, Conheça tudo sobre Nanã Buruquê – a Orixá da Criação, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-nana/>.

magia. Então ele criou Logunan, que foi capaz de agitar as coisas com sua energia, criando um ciclo de vida.<sup>154</sup>

## **Outros orixás**

### Obaluae / Omolu

Característica: É chamado também como o médico dos pobres ou senhor dos cemitérios. É conectado com as doenças. É quase inexistente no candomblé. Podemos encontrar com ele mais na umbanda. Deve ter controle sobre as doenças e epidemias. Isso, porém, significa que ele também pode causá-los.

Dia de Semana: segunda-feira

Elemento natural: terra

Simbolo: búzio

Cor: preto, branco ou vermelho

Sincertismo: São Lázaro. A sua festa é no dia 17 de dezembro.

Comida: bolinhos do milho, banana<sup>155</sup>

### Oxóssi / Ochosi

Característica: Acostumou-se chamá-lo de “Rei de Kêtu”, habita na floresta, é o mestre de animais e plantas, está sempre alerta e observa e o melhor caminho. Representa a caça. É um protetor dos caçadores, mas odeia caçadores irresponsáveis que não matam por comida.<sup>156</sup> De acordo com ele devemos sempre estar cientes de nosso ambiente. Ele representa harmonia.<sup>157</sup>

Elemento natural: natureza, especialmente florestas<sup>158</sup>

Dia de Semana: quinta-feira, que é também um dia da floresta, celebra se a 20 de janeiro

Simbolo: o arco e a flecha

Cor: verde ou azul turquesa (como o céu da manhã)

Sincertismo: São Sebastião, no Rio de Janeiro, e São Jorge, na Bahia

---

<sup>154</sup> Carol, Tudo Sobre Logunan – Oyá Tempo, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-logunan/#Saudacao\\_aLogunan](https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-logunan/#Saudacao_aLogunan).

<sup>155</sup> Carlos Renato Assef, *O candomblé e seus Orixás*, São Paulo, LeBooks, 2014, p. 29–30.

<sup>156</sup> Miloslav Stingl, Pačes Petr, *Černí bohové Ameriky, kapitoly o kultuře a dějinách Afroameričanů Latinské Ameriky a karibské oblasti*. Praha: Svoboda, 1992, p. 101–103.

<sup>157</sup> Ibid.

<sup>158</sup> Elyette Guimarães de Magalhães, *Orixás da Bahia*, Salvador, Bahia, 1974, p. 21–60.

Comida: comer ervilhas tostadas e inhame, milho com coco e feijão preto<sup>159</sup>

### Oxumaré

Característica: É uma divindade muito poética e exótica. Uma metade do ano vive na terra como uma cobra e a segunda metade vive no céu como um belo arco-íris. Deve representar dualidade, positividade e negatividade, mas também junção entre masculino e feminino.

Lenda: Este orixá foi criado quando Xangô se casou com Oxum. A sua comunicação, porém, não andava bem. Xangô morava quase no céu, no alto da pedreira, e Oxum em baixo ao lado do rio. Xangô pediu Oxumaré para que ligasse a água do rio com o céu. Com isso criou-se o arco-íris, mas Oxumaré não quis causar seca na terra e então prometeu isso só para uma metade do ano. Na segunda metade do ano, Xangô juntamente com tempestades, teve que descer à terra.<sup>160</sup>

## **2.2 Fora do campo dos orixás**

### Exú / Eshu / Ellegua

Característica: Segundo alguns autores, não deve ser considerado um orixá, porque é muito especial e único. É o criador do povo e do cosmos e o mediador entre eles. Exú deveria ter 21 qualidades. Ele é por sua base o mais próximo das pessoas, porque não é absolutamente ruim nem absolutamente bom. Protege casas, pessoas e templos. Também é mestre das estradas e caminhos, os quais ele pode ou abrir ou fechar. Fala todas as línguas e é o mensageiro de Olodumaré. Todas as cerimônias começam e terminam com uma homenagem a Exú para garantir que suas bênçãos permitam que a cerimônia tenha um sucesso. Portanto, ele sempre deve se acalmar primeiro. É um objeto de medo para os devotos.<sup>161</sup>

Dia de Semana: segunda-feira, celebra se no dia 13 de junho

Cor: vermelho e preto

---

<sup>159</sup> Marta Moreno Vega, *The Altar of my soul: The living traditions of Santeira*. Random House Publishing Group 2009, p. 189–213.

<sup>160</sup> Pai Alexandre Falasco Todos, Oxumaré, *Giras de Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/oxumare/>.

<sup>161</sup> Nathaniel Samuel Murrell, *Afro-Caribbean Religions. An Introduction to their historical, cultural and sacred traditions*, Temple University Press, 2010, p. 168–180.

Sincertismo: Em partes da Bahia, Maranhão, Recide e Alagoas, Exú é comparado a Satanás. É considerado um espírito maligno, que também pode impedir atividades religiosas.<sup>162</sup>

Lenda: As ofertas a ele são provavelmente ligadas à sua história. Por 16 anos Exú viveu na casa de Oxalá e observou a vida humana no mundo. Aprendeu tudo com Oxalá. Depois se tornou rico e mensageiro porque, quando Oxalá estava ocupado com criação das pessoas, ordenou que os outros orixás falassem com ele só através de Exú. Todos que chegassem, mas também voltassem da casa do Oxalá e Exú, deveriam trazer alguma prenda para Exú. Com isso Exú ficou rico.<sup>163</sup>

### Egun

Egun fica do lado de fora do campo orixá, pois não é um deus, mas a alma do falecido, ou seja, um espírito ancestral de alguma pessoa importante. Também o culto dele é feito separadamente das casas de orixás.

Os espíritos dos mais velhos são cultuados de diversas formas, de acordo com a hierarquia que tiveram dentro da comunidade. Só os espíritos que são especialmente preparados para serem invocados e materializados são os que recebem o nome de Egun, Babá Egun ou simplesmente Babá (pai).

O objetivo principal dos cultos dos Eguns é tornar visível os espíritos dos ancestrais.

A função dos Eguns é trazer para os seus descendentes e fiéis os seus conselhos. O que é importante é que eles sempre têm que ficar isolados dos vivos. A sua presença é rigorosamente controlada pelos Ojés (sacerdotes do culto) e ninguém pode se aproximar deles.

Os Eguns aparecem para os descendentes e fiéis de uma forma espetacular durante as festas e grandes cerimônias. Sempre vestem uma roupa muito colorida, chamada *Opá*. Acredita-se que em baixo de *Opá* encontra-se um ancestral conhecido. Se ele não é reconhecível, encontra-se lá qualquer coisa conectada com a morte. Neste segundo caso, o Egun representa ancestrais coletivos que devem simbolizar os conceitos morais e são os mais respeitados e temidos entre todos os Eguns. Eles são considerados guardiões da ética e da disciplina moral.<sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> Ibid., p. 67–87

<sup>163</sup> Pai Alexandre Falasco Todos, Exú, *Giras de Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/exu/>.

<sup>164</sup> Egungun, *Patrimônio Cultural*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.geledes.org.br/egungun/>.

## **3.Umbanda**

### **3.1 História da umbanada**

Como foi mencionado no capítulo 1, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX ocorrem no Brasil mudanças fundamentais e importantes que tiveram um grande impacto nas religiões afro-brasileiras. Trata-se dos fenômenos como a abolição da escravatura, a proclamação da República e o início da integração dos negros na sociedade urbana. Nesse contexto temporal tem origem também a fundação da umbanda, que é datada de 15 de novembro de 1908. Existe um mito associado ao surgimento da umbanda. No entanto, se quisermos abordar essa questão do ponto de vista acadêmico, encontraremos um obstáculo, porque não há muitos trabalhos científicos. Como admite Bruno Faria Rhode na *Revista de Estudos da Religião*, os textos acadêmicos não são muito numerosos nesse setor:

Tal marco-mito já foi narrado ou mencionado inúmeras vezes nos mais diversos contextos, como livros de umbandistas e estudiosos da religião (duas categorias que obviamente podem se sobrepor), revistas umbandistas, sites diversos e apostilas formuladas por terreiros e federações. É difícil encontrar um texto, acadêmico ou não, sobre a umbanda (a não ser quando trata de questões muito específicas) que não faça uma referência direta ou indireta a ele, tratando-o como mito propriamente dito ou como marco histórico.<sup>165</sup>

Portanto, o surgimento mesmo da umbanda é dificilmente verificável quando não há registros oficiais. Apesar disso, achamos importante apresentar o mito, que é inerentemente conectado com o nome de Zélio Fernandino de Moraes.

#### **3.1.1 Mito da origem da umbanda**

Zélio Fernando Moraes nasceu no dia 10 de abril de 1892, no Rio de Janeiro. Os seus pais, Joaquim Neves e Leonor de Moraes, queriam que ele entrasse na Marinha. Em 1908, aos 17 anos, Zélio havia concluído o curso propedêutico e preparava-se para ingressar na Escola Naval. Depois, contudo, fatos estranhos começaram a acontecer na sua vida.

Às vezes Zélio era visto falando com alguém invisível. Durante isso ele tinha uma postura de um velho, e falava com um sotaque diferente de sua região. Dizia coisas aparentemente desconexas. Em outros momentos, ele evocava um gato lépido, mostrando conhecer todos os mistérios da natureza. Isso fez a sua família preocupar-se com a saúde

---

<sup>165</sup> Bruno Faria Rhode, Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *Revista de Estudos da Religião*, 2009, p. 79.



mental do menino, ainda por cima no tempo em que ele era suposto preparar-se para a sua carreira militar. Os "ataques" tornaram-se cada vez mais frequentes.

Assim Zélio teve que visitar a seu tio, Dr. Epamínondas de Moraes, que foi um médico psiquiatra e diretor de um hospício. Depois de este tio não ter descoberto sinais particulares de um transtorno mental de Zélio, os pais decidiram mandá-lo para outro tio. Desta vez, tratou-se de um padre católico que queira ajudar Zélio através do exorcismo. Ele pensava que o espírito maligno falava através do seu sobrinho. Mas isso também não ajudou.

Algum tempo depois Zélio encontrou-se em uma paralisia parcial e não se conseguiu mover. Os médicos não conseguiam entender o que acontecia. Um dia, Zélio levantou-se milagrosamente e repentinamente e disse: "amanhã estarei curado". Na verdade, no dia seguinte começou a andar como se nada tivesse acontecido.

Um amigo de Zélio ofereceu-lhe visitar a Federação Kardecista de Niterói, perto do município onde morava a família Moraes. O presidente dessa organização foi o Sr. José de Sousa. Zélio Fernando de Moraes então chegou a esta Federação, no dia 15 de novembro de 1908. Os seus ataques foram aqui avaliados como manifestações mediúnicas (manifestações realizadas através de um médium). Sr. José de Sousa, que possuía também a clarividência, verificou a presença de um espírito.<sup>166</sup>

Alexandre Cuminho na sua compilação sobre a umbanda, apresenta uma parte da entrevista entre Zélio, ou concretamente o espírito dentro de Zélio, e Sr. José:

*Sr. José:* Quem é você que ocupa o corpo deste jovem?

*Espírito:* Eu? Eu sou apenas um Caboclo brasileiro.

*Sr. José:* Você se identifica como Caboclo, mas vejo em você restos de vestes clericais.

*O Espírito:* O que você vê em mim, são restos de uma existência anterior. Fui padre, meu nome era Gabriel Malagrida, acusado de bruxaria fui sacrificado na fogueira da inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755. Mas em minha última existência física Deus concedeu-me o privilégio de nascer como um caboclo brasileiro.

*Sr. José:* E qual é seu nome?

*O espírito:* Se é preciso que eu tenha um nome, digam que eu sou o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, pois para mim não existirão caminhos fechados. Venho trazer a Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o final dos séculos.

E no desenrolar da conversa Sr. José pergunta ainda se já não existem religiões suficientes, fazendo inclusive menção ao espiritismo.

*O Espírito:* Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte, o grande nivelador universal, rico ou pobre poderoso ou humilde, todos tornam-se iguais na morte, mas vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar estas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar estes

---

<sup>166</sup> Alexandre Cumino, *Compilação, Material de apoio ao curso de teologia de Umbanda sagrada*, p. 11–12.

humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não haverem sido pessoas importantes na Terra, também trazem importantes, mensagens do além? Porque o não aos Caboclos e Pretos-Velhos? Acaso não foram eles também filhos do mesmo Deus?...Amanhã, na casa onde meu aparelho mora, haverá uma mesa posta a toda e qualquer entidade que queira ou precise se manifestar, independente daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos, nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos com aqueles que souberem menos e a nenhum vira remos as costas a nenhum diremos não, pois estas! é a vontade do Pai.

*Sr. José:* E que nome darão a esta Igreja?

*O Espírito:* Tenda Nossa Senhora da Piedade, pois da mesma forma que Maria ampara nos braços o filho querido, também serão amparados os que se socorrerem da Umbanda.<sup>167</sup>

Assim é narrado como o Caboclo das Sete Encruzilhadas fundou a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e a religião com o nome de umbanda. A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade existe até hoje e é administrada pela filha de Zélio, Zilméia de Moraes.<sup>168</sup>

Supostamente esse caboclo no passado conseguiu prever alguns acontecimentos históricos como a primeira e segunda guerra mundial.

A umbanda não foi codificada, como foi o kardecismo em sua origem. Tem pouca hierarquia, existe sem um núcleo, sem uma unidade, sem um órgão que una todas as suas ramificações, pois simplesmente se manifesta e pede muito pouco para se manter. No entanto, é uma religião reconhecida publicamente.

Em 1918, dez anos depois da fundação da primeira casa, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, através de Zélio de Moraes, fundou sete novos templos que seriam os responsáveis pela difusão da nova religião. Cada deles tem o prefixo Tenda Espírita. Então houve Tenda Espírita do São Pedro, da Nossa Senhora da Guia, da Nossa Senhora da Conceição, de São Jerônimo, de São Jorge, de Santa Bárbara, ou de Oxalá.<sup>169</sup>

### **3.1.2 Primeiros registros da umbanda**

Umbanda não tem nenhuma "Bíblia umbandista". Tudo o que sabemos sobre ela é só através dos registros escritos pelos próprios crentes.

Os primeiros textos sobre a umbanda apareceram já em 1925, no livro chamado *No Mundo dos Espíritos*. Outro livro foi publicado em 1933 pela jornalista Leal de Souza; trata-se da coletânea de reportagens chamada *A Noite*. O primeiro livro dedicado à umbanda, intitulado *O Espiritismo a Magia e as Sete Linhas*, foi publicado na década de

---

<sup>167</sup> Alexandre Cuminho, *Compilação, Material de apoio ao curso de teologia de Umbanda sagrada*, p. 12.

<sup>168</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>169</sup> Bruno Faria Rohde, *Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista*. *Revista de Estudos da Religião*, 2009, p. 79.

30 também por Leal de Souza.<sup>170</sup> Na umbanda, usam-se também vários livros medievais europeus sobre magia e bruxaria para ensinar. Além disso, os seus adeptos estudam os escritos sagrados dos hindus e budistas.<sup>171</sup>

Os umbandistas no Brasil realizam os seus próprios congressos e conselhos, nos quais frequentemente tentam unir suas opiniões, que são muitas vezes inconsistentes. Várias vezes eles tentaram criar uma associação mundial de umbandistas.<sup>172</sup>

A origem do nome *umbanda* não é totalmente clara. Uma visão é que as palavras *uma* e *banda* foram unidas. Banda pode denotar um agrupamento, ou pode vir do idioma bantu em que *é banda* significa “um lugar”. Isso poderia ter o significado de que “todos chegaram para um lugar”.<sup>173</sup>

### 3.2 Tipos da umbanda

A umbanda combina as religiões africanas, o espiritismo, o catolicismo, as crenças indígenas, o ocultismo, o esoterismo e outras religiões. Além disso, também as influências da filosofia clássica são nela visíveis. Pegou algo de cada destas religiões. Não se trata tanto do desenvolvimento de e uma cultura, mas da absorção de vários elementos:

Do catolicismo, a umbanda adotou a ideia de Deus Supremo, criador de tudo. Também tem o culto dos santos, concretamente dos orixás. A interpretação destas divindades geralmente está muito ligada às lendas dos santos católicos, misturadas com os mitos dos orixás africanos.

Do espiritismo, a umbanda usou os médiuns, como intermediários entre os homens e os espíritos, assim como a crença na reencarnação e no desenvolvimento espiritual.

Dos outros cultos afro-brasileiros (especificamente do candomblé), a umbanda assumiu o culto dos orixás, juntamente com as cerimônias de adoração, mesmo que nela se recuse a sacrificar animais e usar roupas coloridas. Todos os ramos da umbanda reconhecem o mesmo Deus Supremo como no candomblé, mas na umbanda ele se chama Olorum.

---

<sup>170</sup> Alexandre Cuminho, *Compilação, Material de apoio ao curso de teologia de Umbanda sagrada*, p. 12.

<sup>171</sup> Miloslav Stingl, Pačes Petr, *Černí bohové Ameriky, kapitoly o kultuře a dějinách Afroameričanů Latinské Ameriky a karibské oblasti*. Praha: Svoboda, 1992, p. 101–103.

<sup>172</sup> Ibid.

<sup>173</sup> Solange Salussolia Vaini, *O Sagrado ganha Espaço: Um estudo de caso sobre a Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3923/1/Solange%20Salussolia%20Vaini.pdf>, p. 45-46.

Das tradições orientais, umbanda assumiu a crençana na imortalidade do espírito, na lei do karma da reencarnação e no despertar espiritual.<sup>174</sup>

Segundo o site *Google Maps*, a maioria dos terreiros da umbanda está localizada no Sudeste do Brasil, nomeadamente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Outra região é o Nordeste, ao redor do Rio Grande do Norte e Paraíba.<sup>175</sup>

A umbanda foi fundada há mais de cem anos atrás. Desde esse período até hoje em dia, tem tido a oportunidade de expandir por todo o Brasil. Durante a sua expansão absorveu vários elementos de outras religiões através do sincretismo. Isso levou à grande diversificação da umbanda. Hoje existem vários subgrupos. Eles, porém, não foram reconhecidos oficialmente como ramos da umbanda. No caso da maioria deles, não está totalmente claro quando e como se originaram. Muitas vezes as diferenças entre eles são mínimas. Portanto, podemos dizer que existe apenas só uma umbanda geral. No entanto, parece conveniente listar alguns dos seus subgrupos:

**Umbanda Branca e Demanada:** É conhecida também como Umbanda Tradicional ou Alabanda. Este subgrupo pode ser considerado como o original e o mais conhecido. Foi fundado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas (Zélio de Moraes). Os seus adeptos acreditam que os orixás são os espíritos que atingiram um alto nível na hierarquia espiritual. De acordo com os seus ensinamentos, existem 126 orixás, divididos em 6 linhas espirituais de trabalho. O chefe superior de cada uma dessas seis linhas recebe o nome de um orixá nago. Além do nome, esses entes não têm nada em comum com os orixás africanos, mas têm uma conexão aos santos católicos. Esta umbanda surgiu no município no São Gonçalo do Rio de Janeiro onde o podemos encontrar até hoje em dia.<sup>176</sup>

**Umbanda Kardecista:** Também é conhecida como Umbanda Branca. Assim como o subgrupo anterior, este tipo está entre os mais antigos e autênticos. Trata-se de uma forma de umbanda fortemente influenciada pelo espiritismo. É frequentemente praticada em centros espirituais. Difere muito de outras correntes, porque não acredita no culto dos orixás nem dos santos católicos, mas presta homenagem a Caboclos e a Pretos Velhos. Às vezes também homenageia as crianças.<sup>177</sup>

---

<sup>174</sup> Lurdes de Campos Vieira – Os Guias Espirituais da Umbanda e Seus Atendimentos. Madras 2015, p. 16.

<sup>175</sup> <https://www.google.com/maps/search/umbanda/@-7.3512084,-39.5554418,6.06z>.

<sup>176</sup> Renato Guimarães, Registros de Umbanda, As Umbandas dentro da Umbanda, , [online], [cit. 03.04.2020], disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/as-umbandas-dentro-da-umbanda/>.

<sup>177</sup> Ibid.

**Umbanda Popular:** É conhecida também como a Umbanda mística. Trata-se de uma corrente de umbanda mais difundida no Brasil. Não tem nenhum foco muito especial e único. O sincretismo dos santos católicos com os orixás é muito forte nela. É um subgrupo mais aberto a novidades. Adota de várias religiões as práticas místicas e religiosas que mais lhe convêm, por exemplo: rezas, benzimentos, simpatias, uso de cristais, incensos, patuás e ervas para o preparo de banhos de purificação e chás medicinais. Ao contrário de outros grupos, que para os rituais usam principalmente as roupas brancas, a Umbanda Popular usa roupas de todas as cores. Além disso usa também acessórios e lenços ou bonés.<sup>178</sup>

**Umbanda Mirim:** Não tem o culto dos santos católicos. Os orixás são totalmente distintos das tradições africanas. Os adeptos acreditam só em nove orixás: Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Obaluaê, Yemanjá, Oxum, Iansã e Nanã. Como a maioria das umbandas, encontramos essa também no Rio de Janeiro.<sup>179</sup>

**Umbanda Omolocô:** Foi fundada pelo médium Tancredo da Silva Pinto em 1950, outra vez no Rio de Janeiro. Ele escreveu nove livros que são seguidos por este grupo. Outro livro importante é *Umbanda Omolocô*, escrito por Caio de Omulu.<sup>180</sup>

**Umbandomblé:** Este ramo foi criado que através da umbandização de antigas casas do candomblé, nomeadamente das casas do candomblé de caboclo. A Mãe de Santo ou o Pai de Santo ocasionalmente celebra tanto o culto da umbanda quanto o culto do candomblé, porém em sessões diferenciadas por dias e horários.<sup>181</sup>

**Aumbhanda:** Foi fundada em 1956, no Rio de Janeiro, pelo Pai Guiné de Angola, através do seu médium Woodrow Wilson da Matta e Silva, também conhecido como o mestre Yapacani. A publicação muito importante para os seus adeptos é *Umbanda de todos nós*. A influência da teosofia, da astrologia, da cabala e de outras escolas é muito visível lá. Os seus orixás outra vez são muito diferentes da tradição original africana.<sup>182</sup> Além destes ramos, também podem ser mencionadas Umbanda Eclética Maior, Umbanda Guaracyna, Umbanda dos Sete Raios, Umbanda Sagrada, Umbanda Jéjé e Umbanda Almas e Angola.

---

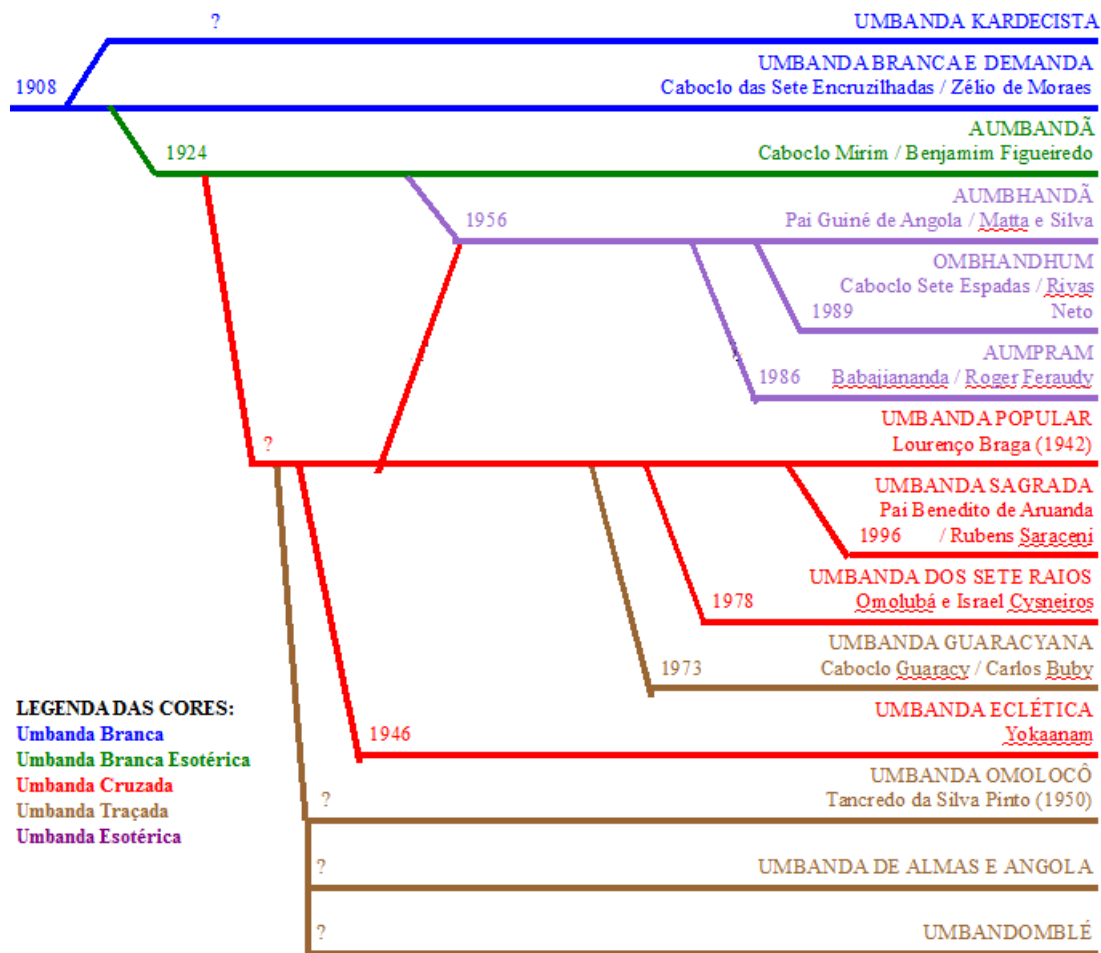
<sup>178</sup> Ibid.

<sup>179</sup> Ibid.

<sup>180</sup> Ibid.

<sup>181</sup> Ibid.

<sup>182</sup> Ibid.



183

### 3.3 Terreiro

Tal como no candomblé, também na umbanda o templo pode ser chamado de terreiro, centro, casa ou tenda. O terreiro na umbanda pode parecer muito semelhante, quase igual ao terreiro do candomblé. Outra vez, porém, depende naturalmente da comunidade. A diferença principal é que o terreiro na umbanda sempre possui um altar e precisa estar no contato mais próximo com a natureza.<sup>184</sup> Os terreiros não ficam fora da cidade como no candomblé, mas são encontráveis dentro da cidade. A prática da umbanda é um fenômeno urbano. Os rituais acontecem no centro do terreiro ou no ambiente natural, como na praia,

<sup>183</sup> Renato Guimarães, Registros de Umbanda, As Umbandas dentro da Umbanda, , [online], [cit. 03.04.2020], disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/as-umbandas-dentro-da-umbanda/>

<sup>184</sup> Beto Angeli, Umbanda em casa, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.scribd.com/read/434478157/Umbanda-em-casa-pratica-umbandista-familiar>, p. 37.

na mata ou no cemitério.<sup>185</sup> Nos terreiros da umbanda, em vez dos orixás, os protetores na maioria das vezes são os espíritos, chamados Velho Negro ou Caboclo.<sup>186</sup>

### 3.3.1 Disposição espacial do terreiro da umbanda

O arranjo dentro, mas também fora do terreiro está sujeito a várias regras:

Disposição externa: Quanto ao arranjo exterior, a base da casa deve estar no contacto direto com a terra. O terreiro não pode ser, por exemplo, em algum apartamento. Isso é por causa do contacto com a natureza, porque as energias deveriam fluir livremente.

No ambiente circundante do terreiro, as plantas e as ervas curativas são importantes e deveriam ficar próximas da casa. Importante é também a disposição próxima da mata e da água corrente que serve para os rituais, os quais não devem ocorrer necessariamente dentro do terreiro.<sup>187</sup>

Disposição interna: A separação dos espaços para não misturar energias positivas e negativas é fundamental. A organização interna do terreiro é muito semelhante ao terreiro do candomblé. Eles diferem apenas em alguns detalhes.

Altar – isso é uma das poucas coisas nas quais a umbanda difere do candomblé, que o não tem. O altar consiste das imagens católicas ou africanas, sete velas ou catorze pedras, fitas, pombas, e quadros com fotos. Os umbandistas podem ter o altar em casa, mas a casa do templo deve ser dividida pela tronqueira (já mencionada também na seção sobre o candomblé).

Outras partes do terreiro já conhecemos da descrição do terreiro no candomblé. É um espaço reservado para a realização dos trabalhos conectados com a cerimônia e um espaço reservado aos assistentes.<sup>188</sup>

### 3.3.2 Defumação e limpeza espiritual

O ambiente ritualístico deve estar limpo antes do processo. Para isso serve a limpeza espiritual. Em cada ritual são necessárias duas defumações. Primeiramente antes da chegada das pessoas e secundamente na recepção dos participantes, que devem ser

---

<sup>185</sup> Solange Salussolia Vaini, *O Sagrado ganha Espaço: Um estudo de caso sobre a Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3923/1/Solange%20Salussolia%20Vaini.pdf>, p. 54.

<sup>186</sup> Roderik Steel, A new initiate's story, *BBC*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/initiation.shtml].

<sup>187</sup> Janaina Azevedo, *Audiolivro, Todo o que você precisa saber sobre Umbanda*, Narrated by Fátima Silva, Universo dos Livros, 16.01.2015. cit. 18.04.2020, disponível em: <https://www.scribd.com/listen/389028986>.

<sup>188</sup> Isabel Cristina dos Dantos Fernandes, *Umbanda: prática cultural e religiosa afro-brasileira no município de Araruna/PR*, Universidade Estadual de Maringá, 2014. S/P.

purificados um por um antes de entrarem no espaço sagrado. Para a defumação frequentemente é usado o incenso de lotos. Para defumar o terreiro com o incenso, é necessário acender três, cinco ou sete palitos juntos, segurando-os com a mão direita e elevando-os ao alto para que possam purificar todo o ambiente. Na segunda defumação, a purificação sobre todas as pessoas presentes: todo o ambiente é percorrido fazendo movimentos circulares no sentido anti-horário com os incensos.<sup>189</sup>

### 3.3.3 Estrutura social da casa da umbanda

O nome do chefe do culto pode variar muito. Já conhecemos a denominação Pai ou Mãe de Santo, mas essa denotação é muito típica para o candomblé. Não deveria ser aplicada muito na umbanda embora a proximidade destas duas religiões convide a isso. Os nomes dos líderes do culto podem ser: Pai ou Mãe (sem Santo), Babê e Iâ Mameto ou Tateto, Mama e Tata, Secerdor ou Secerdotista, Zelador, Dirigente, Diretor ou Diretora, Mestre ou Mestra. Sempre depende da forma escolhida dentro da casa.<sup>190</sup>

A estrutura social dentro da casa da umbanda é muito semelhante como no candomblé. Temos aqui também o Babalorixá ou a Ialorixá, Mãe ou Pai pequeno e Ogã. Ocasionalmente também encontramos um iniciante que se prepara para ser um médium.<sup>191</sup>

### 3.3.4 Hierarquia na umbanda

Como já mencionamos no candomblé, também a umbanda acredita em Deus Supremo chamado *Olorum*, único, onipresente, organizador do universo. Os auxiliares de Deus, idealizadores e controladores das vontades divinas, são os orixás. Os orixás na umbanda, porém, possuem uma leve hierarquia. Abaixo dos orixás estão os orixás menores, que passaram pela terra e pregaram um novo ensino. Como exemplo podem servir os profetas como Jesus Cristo, Moisés ou Buda. Estes seres não precisam mais reencarnar, porque atingiram o máximo a que se pode chegar dentro do nosso planeta.

Debaixo dos orixás menores ficam guias espirituais, o Pai ou a Mãe. Também já não precisam encarnar, já conseguiram através de outras encarnações todas as dívidas. Estas pessoas comandam os terreiros e são considerados como líderes espirituais.

---

<sup>189</sup> Beto Angeli, *Umbanda em casa*, Rio de Janeiro 2019, Editora Aruanda, p. 97.

<sup>190</sup> Janaina Azevedo, Audiolivro, *Todo o que você precisa saber sobre Umbanda*, Narrated by Fátima Silva, Universo dos Livros. 16.01.2015, [online], [cit. 18.04.2020], disponível em: <https://www.scribd.com/listen/389028986>.

<sup>191</sup> Solange Salussolia Vaini, *O Sagrado ganha Espaço: Um estudo de caso sobre a Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3923/1/Solange%20Salussolia%20Vaini.pdf>, 56–57.



Em escala inferior encontram-se os médiuns que funcionam também como protetores espirituais para os iniciantes. Eles ainda têm algum compromisso com o carma. Representam a maioria dos partidários no movimento umbandista.<sup>192</sup>

### 3.4 Andamento da festa

A festa frequentemente começa às vinte horas. Os médiuns iniciam na *congá*. Primeiramente o Pai ou Mãe são saudados. Continua a saudação do Pai ou Mãe pequeno. Depois realiza-se a defumação. Durante isso os atabaques tocam e as pessoas cantam. O canto continua até fim da festa. Canta-se saudação de sete linhas, saudação a linha de esquerda e saudações para Exú. A linha que domina nesse dia deve ser cantada como a mais forte. Cada médium incorpora a sua própria entidade. Os médiuns colocam-se em uma fila, mulheres de um lado e homens do outro. Quando os médiuns estão incorporados, as pessoas que queriam consultar o médium e pedir alguns conselhos são chamadas. Quando terminam todas as consultas, os ogãs cantam para acabar a festa.<sup>193</sup>

Os membros do terreiro vestem amiúde a roupa branca. É quase o mesmo como no candomblé, mas não é muito comum vestir a roupa azul que podemos mais encontrar no candomblé.<sup>194</sup>

Os dias especiais para a festa nos terreiros são a segunda, a quarta e a sexta feira. A segunda feira é dedicada ao Preto Velho e Caboclo. A quarta feira é designada às aulas dedicadas ao ensinamento sobre a umbanda. Na sexta feira frequentemente os espíritos que se chamam os Baianos são comemorados juntamente com as celebrações da linha de esquerda.<sup>195</sup>

#### 3.4.1 Iniciação

A pessoa que queria fazer parte da religião umbandista deve funcionar também como o médium. Médium é qualquer pessoa que pode comunicar com os espíritos ou elementos da natureza, que se manifestam seja pela incorporação física através do corpo, seja pela evidência da audiência – ouvindo o que o espírito diz –, seja pela psicografia – ato da escrita motivada pela presença do espírito. Aos médiuns, sempre antes da incorporação, são explicados os seus direitos e as suas obrigações. O médium pode incorporar, mas

---

<sup>192</sup> Fundamentos Básicos de Umbanda, Janeiro 2008, Templo Srov. Mata Virgem, p. 8.

<sup>193</sup> Solange Salussolia Vaini, *O Sagrado ganha Espaço: Um estudo de caso sobre a Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3923/1/Solange%20Salussolia%20Vaini.pdf>, p. 55–60.

<sup>194</sup> Ibid., p. 61.

<sup>195</sup> Ibid., p. 63.

também não deve. Durante o batismo, o médium conscientemente se propõe a seguir a doutrina umbandista. Trata-se de um ritual que firma a sua pertença à religião.

Os preceitos necessários: Durante sete dias é preciso purificar o corpo por meio dos banhos que equilibrem a energia espiritual e física. Portanto quando se começa a tomar os banhos, deve se ascender a vela de sete dias e tomar os banhos todos os sete dias com esta vela. Muitas casas recomendam os banhos com ervas naturais. Durante esse período vestem-se só as roupas brancas ou as mais claras possíveis e evita-se ambientes com muitas pessoas. Depois do batismo o filho da casa participa ativamente nas sessões de trabalho. Trata-se da limpeza do terreiro ou do preparo dos alimentos. O médium durante a iniciação deve estudar a teoria e praticar o controle das suas faculdades mediúnicas e das suas capacidades. Os ritos variam de casa em casa.<sup>196</sup>

### **3.5 Doutrina da umbanda**

A umbanda é muito flexível na sua doutrina e nos rituais e não tem problema em aceitar elementos novos. Umbandistas afirmam que praticam só a *Magia Branca*. Isso significa que eles se propuseram, nos seus ritos, a praticar só as coisas boas para pessoas e para a comunidade e que não têm más intenções. Nos textos que tratam dos ensinamentos da umbanda, frequentemente encontramos o conceito de caridade e de obediência aos valores humanos como fraternidade e respeito ao próximo. Isso tudo vem do cristianismo.

Tal como o candomblé, também a umbanda não tem nenhuma centralização oficial do culto. Cada terreiro faz os rituais da sua própria maneira. Os rituais se transmitem só pela oralidade.

O ensino é consideravelmente inconsistente. Na umbanda, as pessoas se conectam com a alma dos mortos através do médium. No cardecismo, o médium pode ser possuído por qualquer espírito. Por outro lado, a posse da umbanda ocorre através das Sete linhas do Trabalho, que significa que apenas um dos sete espíritos podem possuir o médium. Posteriormente, são realizados atos mágicos, como curar ou dar conselhos e previsões. Os umbandistas não apenas invocam as almas dos mortos, mas também os deuses africanos, ou mesmo asiáticos.<sup>197</sup> O objetivo das práticas é cultuar Deus e os Pais e as

---

<sup>196</sup> Janaina Azevedo, Audiolivro, *Todo o que você precisa saber sobre Umbanda*, Narrated by Fátima Silva, Universo dos Livros. 16.01.2015, [online], [cit. 18.04.2020], disponível em: <https://www.scribd.com/listen/389028986>.

<sup>197</sup> Ibid.

Mães de Santo. Deus e os orixás estão sempre dispostos a bonificar com os seus poderes divinos.

As práticas espirituais consistem na reunião de duas ou mais pessoas. A prática principal é a incorporação. Para a incorporação é necessário ativar todas as forças da proteção e descarregar energias que possam estar presentes. Também é preciso fazer uma boa defumação concentrada e consciente. Cada membro do templo deve preparar-se para estar em equilíbrio no momento de realização dos trabalhos. Tudo deve ser realizado propriamente segundo o ritual. Durante os rituais a música é importante juntamente com o movimento do corpo, que serve como um meio de comunicação com os espíritos.<sup>198</sup>

### 3.5.1 Sete Linhas de Umbanda

*Sete Linhas de Umbanda* podem significar sete irradiações de Deus, sete formas, pelas quais ele se manifesta na Umbanda. As sete formas são equiparadas aos sete sentidos da vida: o sentido de Fé, Amor, Razão ou Conhecimento, Equilíbrio ou Justiça, Ordenação ou Lei, Evolução, Geração.<sup>199</sup> Os orixás não incorporam, só governam do planetário. Cada orixá tem as suas vibrações e ordenações.<sup>200</sup> Embora os orixás na umbanda se chamem da mesma maneira como em candomblé, a percepção dos orixás na umbanda é um pouco diferente. O candomblé percebe os orixás como deuses. Na umbanda os orixás são percebidos como um tipo de energia ou poder natural. O uso dessas energias naturais é um dado característico na umbanda. Com a evolução do homem, a sociedade trabalha com vitalidade, criação e transformação. Os elementos principais são o fogo, o ar, a terra e a água. Desses elementos os nossos corpos são construídos. A dinâmica de criar, manter e transformar deve sempre estar em equilíbrio.<sup>201</sup> O orixa Oxalá na umbanda é indentificado com Jesus Cristo e fica primeiro na hierarquia. Cada linha comparte-se em mais partes onde se agrupam as entidades dos espíritos que se incorporam.

Na tese de doutorado *O Sagrado Ganha Espaço*, de Solange Salussolia Vaini, encontramos esta divisão:

1. Linha de Oxalá – Jesus Cristo
2. Linha de Yemanjá – Virgem Maria
3. Linha do Oriente – São João Batista

---

<sup>198</sup> Beto Angeli, *Umbanda em casa*, Rio de Janeiro 2019, Editora Aruanda, p. 41.

<sup>199</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>200</sup> Janaina Azevedo, Audiolivro, *Todo o que você precisa saber sobre Umbanda*, Narrated by Fátima Silva, Universo dos Livros. 16.01.2015., [online], [cit. 18.04.2020], disponível em: <https://www.scribd.com/listen/389028986>.

<sup>201</sup> Osmar Barbosa, *Umbanda para iniciantes*, 2019, Book Espírita, p. 34.

4. Linha de Oxoce – São Sebastião
5. Linha de Xangô – São Jerônimo
6. Linha de Ogum – São Jorge
7. Linha Africana – São Cipriano<sup>202</sup>

Tal como no candomblé, também na umbanda os orixás são sincretizados com algum santo católico. A divisão em linhas, que existe na umbanda, cria um panteão das divindades com as quais se trabalha dentro do terreiro.

No livro de Lurdes Campos Vieira, intitulado *Os Guias Espirituais da Umbanda e Seus Atendimentos*, podemos ver esta divisão:<sup>203</sup>

---

<sup>202</sup> Solange Salussolia Vaini, *O Sagrado ganha Espaço: Um estudo de caso sobre a Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3923/1/Solange%20Salussolia%20Vaini.pdf>, p. 68.

<sup>203</sup> Lurdes de Campos Vieira, *Os Guias Espirituais da Umbanda e Seus Atendimentos*, p. 15.

TRONO	ORIXÁ/fator	ESSÊNCIA	QUALIFICATIVO
Da Fé	Oxalá – Magnetizador	Cristalina	Congregador Cristalino
	Logunan – Cristalizador		Conscientizador Temporal
Do Amor	Oxum – Conceptivo	Mineral	Agregador Mineral
	Oxumarê – Renovador		Renovador Aquático-Mineral
Do Conhecimento	Oxóssi – Expansor	Vegetal	Expansor Vegetal
	Obá – Concentrador		Afixador Telúrico-Vegetal
Da Justiça	Xangô – Racionalizador	Ígnea	Equilibrador Ígneo
	Oroiná – Energizador		Energizador Ígneo
Da Ordem	Ogum – Ordenador	Eólica	Ordenador Eólico
	Iansã – Direcionador		Direcionador Eólico
Da Evolução	Obaluaê – Transmutador	Telúrica	Transmutador Telúrico-Aquático
	Naná – Decantador		Decantador Aquático-Telúrico
Da Geração	Iemanjá – Criacionista	Aquática	Criacionista Aquático
	Omolu – Estabilizador		Estabilizador Telúrico

204

Além dos orixás mencionados acima, a umbanda também adora os espíritos, que encarnam nos médiuns e, bem como os orixás, têm os seus atributos. Os espíritos podem ser divididos em dois grupos. No primeiro grupo podemos encontrar os espíritos puros, por exemplo anjos, arcanjos, querubins e outros equiparados às entidades bíblicas. Outro grupo é formado pelos espíritos bons. Isso são os espíritos que possuem médiuns durante cerimônias. Eles agem como guias. Os guias e mentores espirituais manifestam-se com o

<sup>204</sup> Lurdes de Campos Vieira, Os Guias Espirituais da Umbanda e Seus Atendimentos, p. 14–15.

intuito de orientar, auxiliar e trabalhar sem descarga. Graças deles é possível fazer um contato com espiritualidade.<sup>205</sup>

### **3.5.2 Sete Linhas de Trabalho**

Designa a hierarquia dos guias espirituais que se manifestam na umbanda por meio dos médiuns.

1. Preto Velho – Trata-se da linha das Almas. A versão feminina do Preto Velho é a Preta Velha. São os espíritos dos escravos que morreram durante o tempo da escravidão. Eles mantêm o estereótipo de velhos negros que dominam magia e ervas. O sofrimento e a dor dos escravos negros se refletem em seu conhecimento, paciência e perseverança. No entanto, Pretos Velhos não devem ser necessariamente apenas escravos. Eles são sábios, humildes e podem mergulhar profundamente na aprendizagem. Compreendem sofrimento, perdão e esperança. Alguns deles são considerados sacerdotes iorubanos que foram trazidos para o Brasil. Os seus orixás são Obaluae e Nanã. A sua cor é branca. Atuam no campo da sabedoria e perseverança.

2. Os Caboclos (nativos brasileiros) – Trata-se da linha da Sustentação. A palavra mesma *caboclo* designa o homem nativo, então os caboclos são falecidos brasileiros nativos ou brasileiros nativos, mestiços de branco com indígena. São muito caridosos, sábios. Eles são conhecedores das ervas medicinais. Sempre falam a verdade. Fumam charutos e bebem uma mistura de ervas. O caboclo pode representar estereótipos tradicionais da cultura brasileira, como um bom selvagem e um velho escravo. A sua cor é verde. Atua no campo do conhecimento, expansão e cura. O seu orixá é Oxóssi.

3. Crianças/Erês – Trata-se da linha da Renovação. A palavra Erê vem da língua iroubá e significa divertir-se ou brincar. Estes espíritos aparecem como crianças para revelar o lado puro da vida. A vantagem deles é que eles podem muito bem incentivar e motivar. Eles estão cheios de amor. Eles nunca passaram pelo processo de encarnação. Eles reconhecem rapidamente os erros e imperfeição de uma pessoa. Eles controlam as energias dos elementos naturais e os próprios orixás que controlam essas energias. Embora eles gostem de tocar os instrumentos e cantar, eles exigem respeito. Sempre olham para o lado positivo das coisas. Eles são puros e alegres. Dizem coisas sérias de

---

<sup>205</sup> Umbanda, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://docero.com.br/doc/nsxxs80->.

uma maneira engraçada. Os seus orixás são Oxum e Oxumarê e as cores deles são azul, rosa e branco. Atuam no campo da renovação e amor.

4. Marujos/Marinheiros – Trata se da linha da Água. Ajuda as pessoas através das forças da água. Há espíritos que costumavam ser marinheiros, navegadores, pescadores, que usam o poder do oceano para proteger as pessoas do mal. Quando chegam ao terreiro, trazem muita alegria. Sua postura leve e balançando como ondas pode parecer que estão bêbados. Estes são apenas magnetismos da água, graças aos quais a energia é liberada. A água simboliza nossas emoções flutuantes. Também está associada à origem da vida. Os marinheiros podem remover bloqueios e distúrbios mentais e emocionais. A energia deles é a cura. A água salgada pode proteger e limpar as pessoas. Eles trabalham com a energia de Yemanjá, a rainha dos oceanos, Ela é o orixá dos marinheiros, a sua cor é azul e branco. Atuam no campo da limpeza e equilíbrio.

5. Ciganos – Trata se da linha da Magia. Prosperidade, família, amor, mas também curar ou superar preconceitos são importantes para eles. Os ciganos são arquétipos das pessoas místicas que controlam os assuntos espirituais. O sentimento de liberdade é importante para eles. Sabem como criar uma atmosfera amigável. Além da magia, eles também têm uma visão geral da natureza e do aconselhamento. Eles gostam de dançar e comemorar. Gostam também de usar roupas coloridas. Itens como lenços coloridos, fitas, moedas, punhais, chaves, paus de incenso ou dados servem como itens mágicos para eles. O trabalho deles é afetado pela fase da lua. O mais favorável é a lua cheia. As cores deles são principalmente amarelo e vermelho. Os seus orixás são Xangô e Oroiná. Atuam no campo da prosperidade, amor e cura.

6. Baianos (pessoas da Bahia) – Os Baianos foram os sacerdotes da Bahia. São muito alegres e gostam de conversar. Têm sotaque baiano. Sabem ouvir e dar bons conselhos. Querem ajudar a haver justiça. As suas cores são amarelo, branco e vermelho. Gostam de beber água de coco e fumar cigarros. O seu orixá é Ogum e Iansã. Atuam no campo da força movimentadora.

7. Boiadeiros – Trata se da linha do Tempo. Boiadeiros são os espíritos de peões sertanejos e dos vaqueiros falecidos que viveram no sertão. Eles trabalham na limpeza espiritual da pessoa que está sendo atendida. Muitos deles são mestiços. Seus instrumentos mágicos são chicotes e às vezes colares de pedra ou de sementes. Eles

podem reduzir feitiços negativos. São corajosos e destemidos. Os seu orixás são Ogum e Oxalá e as suas cores são azul escuro e amarelo. Atuam no campo da força ordenadora e direcionadora.<sup>206</sup>

### **3.5.3 Conceito do Exú na umbanda**

Exú – Tem um conceito um pouco diferente na umbanda do que no candomblé. Exús são espíritos humanos que passaram por várias encarnações. Eles não são perfeitos. Eles cometem erros e querem se desenvolver como pessoas. Eles podem absorver qualidades negativas de pessoas que de alguma forma cometeram um erro em suas vidas. Eles então tentam reviver o bem neles. Na umbanda, Exú não é claramente adorado, mas não é esquecido. Está presente em todos os sete campos dos orixás. É por isso que também é entendido como o espírito da encruzilhada. A encruzilhada simboliza o encontro de dois mundos, caminhos ou até verdades diferentes. Exú protege aqueles que merecem ser protegidos por Deus, mas ao mesmo tempo intervém contra aqueles que não respeitam Deus. Ele nunca ataca, apenas obedece os mandamentos vinculados com a lei divina. É o seu próprio orixá. Atua no campo da absorção e neutralização. Vitaliza os seres.

Pomba Gira – É uma versão feminina de Exú. Trata-se do espírito humano que passou por várias encarnações. É uma entidade que trabalha apenas para o bem. Traz a energia do desejo. Desperta o gosto pela vida. Faz sentido dos nossos esforços. Graças a isso, nossas vidas são mais saudáveis e mais equilibradas em todas as esferas.

Exú Mirim – Juntamente com Exú e Pomba Gira, formam um triângulo de forças e, assim, estabelecem o equilíbrio. Exús Mirins carregam habilidades excepcionais que nos ajudam a remover as barreiras da vida, que poderiam destruir a harmonia e o bom relacionamento entre as pessoas.<sup>207</sup>

## **3.6 Esquerda vs. Direita**

A ciência acha que o lado esquerdo do cérebro lida com as questões racionais e controla o nosso pensamento lógico e analítico. O lado direito lida com a intuição e as emoções e é responsável pela criatividade.

Na umbanda as forças da direita são as entidades, espíritos de luz, que atuam em nossa vida valendo-se da racionalidade. As forças da esquerda são representadas por entidades,

---

<sup>206</sup> Guilherme Garrido Aragão, Guias da Umbanda. Os Guias Espirituais, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://docplayer.com.br/13455153-Guias-da-umbanda-os-guias-espirituais.html>.

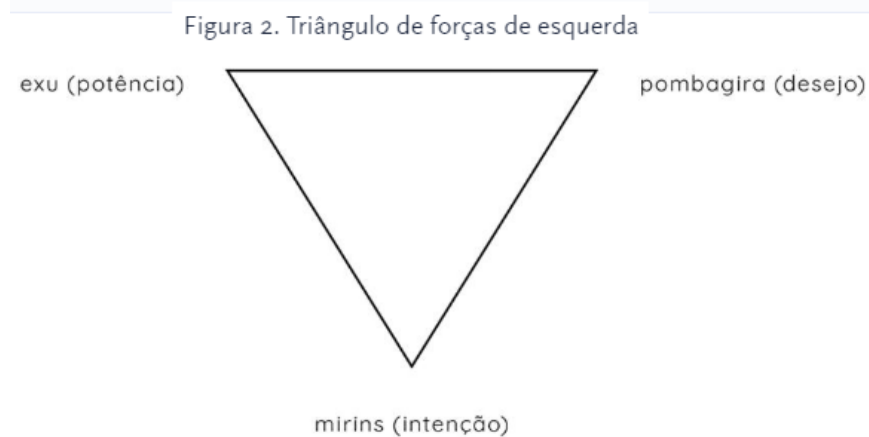
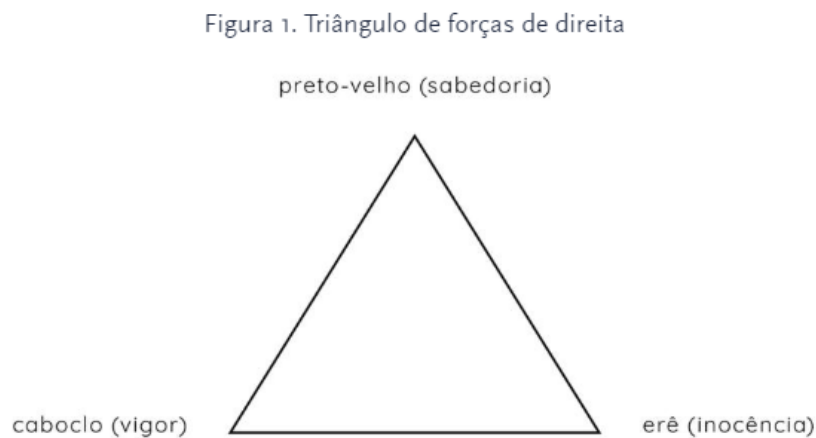
<sup>207</sup> Ibid.



espíritos de luz, que usam na nossa vida as emoções, sentimentos como alegria ou medo. Mutuamente se completam.<sup>208</sup>

Na linha da direita engrupa as entidades bens. Ficam aqui os Orixás, Caboclos, Pretos Velhos e Erês. Na esquerda encontramos o triangulo dos Exús. Como a linha mista pode ser considerada linha dos Baianos, Ciganos e Marinheiros.<sup>209</sup>

Figura 1: Simboliza o lado direito. As três linhas representam a evolução do homem: Erê-criança, Caboclo – homem adulto, Preto Velho – idoso



210

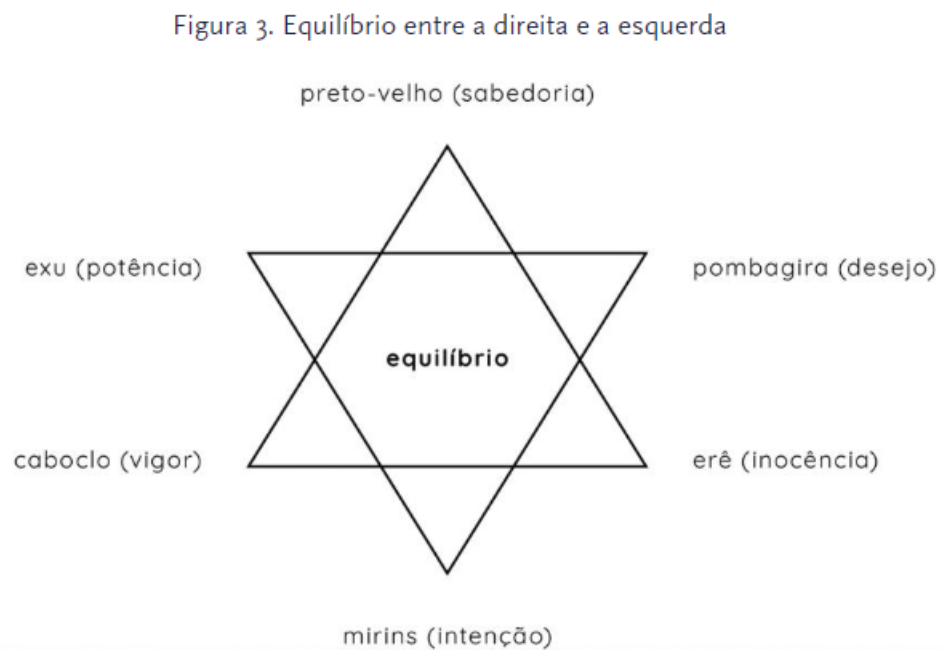
<sup>208</sup> Beto Angeli, *Umbanda em casa*, Rio de Janeiro 2019, Editora Aruanda, p. 57, disponível em: <https://www.scribd.com/book/434478157/Umbanda-em-casa-pratica-umbandista-familiar>.

<sup>209</sup> Lísias Nogueira Negrão, *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*, p. 339.

<sup>210</sup> Beto Angeli, *Umbanda em casa*, Rio de Janeiro 2019, Editora Aruanda, p. 67.

Figura 2: Simboliza o lado esquerdo. Um vértice aponta para baixo, para indicar um mergulho dentro do nosso íntimo, para que tenhamos reveladas nossas mazelas. O triângulo representa a nossa família: Exú - marido, Pombargia – esposa, Exú Mirins – filhos.

Figura 3: Para manter o equilíbrio entre razão e emoção é necessário juntar esquerda e direita. Esse triângulo das forças, ou a estrela do equilíbrio, é considerado um símbolo da umbanda.<sup>211</sup>



212

---

<sup>211</sup> Ibid., p. 69.

<sup>212</sup> Ibid.

## Conclusão comparativa

O objetivo das páginas anteriores foi apresentar mais detalhadamente dois cultos afro-brasileiros, o candomblé e a umbanda. Agora, será a nossa finalidade resumir as informações adquiridas, para podermos comparar os dois cultos e concluir o que eles têm em comum ou em que diferem.

Certamente na nossa análise não foi apresentado tudo. O objetivo era mostrar, principalmente, os fundamentos básicos destas religiões, necessários para uma eventual exploração mais detalhada delas, e oferecer um quadro geral deles, que deveria estimular o interesse do leitor pela questão.

Compilar tal visão geral não foi uma tarefa fácil, pois as informações sobre as práticas dos cultos afro-brasileiros diferem de terreiro para terreiro. Certamente, algumas das informações aqui mencionadas poderiam ser consideradas triviais pelos membros de certos terreiros e, por outro lado, eles poderiam sentir a falta de outro tipo de informações. Os aspetos como símbolos especiais, objetos sagrados, instrumentos rituais, ervas e plantas sagradas, calendário litúrgico, feriados etc. foram aqui mencionados, por razões de espaço limitado, de uma maneira bastante marginal, ou foram omitidos, embora definitivamente sejam dignas de atenção. Sem dúvida, cada um desses aspetos, relacionados ao candomblé ou à umbanda, poderia ser tratado como um tópico separado.

Aparentemente, este trabalho prestou mais atenção ao candomblé do que à umbanda, o que não é devido a nenhuma preferência pessoal, mas à quantidade de recursos, pois o número de textos acadêmicos é muito mais abundante nesse campo, assim como as informações gerais sobre o candomblé para o público geral. Muitos aspetos mencionados na seção do candomblé também dizem respeito à umbanda. O fato de a umbanda ser amplamente baseada no candomblé também contribui para isso.

Durante o trabalho, focámos na história e formação dos cultos afro-brasileiros desde os tempos da escravidão até o presente. Apresentámos também uma seleção das suas divindades principais. A seguir, tratámos da operação dos templos e da estrutura social interna. Também descrevemos algumas das práticas ritualísticas.

Vimos que o candomblé é uma religião afro-brasileira, criada através do sincretismo após a chegada de escravos da África ao Brasil. A África mesma pode ser considerada o seu berço. Não é possível determinar a data exata do surgimento do candomblé, pois ele se formou gradualmente ao longo de vários séculos. Mostrámos que existem várias nações de candomblé, dependendo da região africana da qual os escravos vieram para o

Brasil. Identificámos as nações mais conhecidas: Candomblé Nago, Jeje e Bantu. Também foi mencionado que, em muitos tipos de candomblé, os espíritos não incorporam. Focámos nas divindades, chamados de orixás, com o Deus Supremo criador de Olodumaré. Descobrimos que o candomblé vê os orixás como deuses / espíritos que representam individuais elementos naturais. Os orixás cuidam de seus seguidores através de sua energia. Existe muito orixás. Cada membro da comunidade recebe um orixá específico após a iniciação, que o acompanha e protege pelo resto da vida. A comunicação com os orixás geralmente ocorre através da dança, ao som da bateria. A leitura de conchas, chamadas de búzios, também é usada para a comunicação com os orixás. Durante os rituais dedicados aos orixás, os animais são sacrificados e seu sangue é derramado. Outra informação interessante sobre o candomblé foi que não há um texto sagrado sobre esta religião. Tudo é transmitido oralmente. O ponto de partida é a mitologia africana. Uma descoberta notável é que as mulheres têm uma alta posição nessa religião. Os rituais ocorrem num terreiro, que é um lugar que deve evocar a África. Há uma sala sagrada onde os orixás são cultuados, mas também salas de uso diário, onde os participantes dormem, descansam, etc. Os terreiros são presididos por líderes espirituais chamados Mãe ou Pãe de Santo. A iniciação geralmente dura sete anos. Durante isso, o iniciador é forçado a familiarizar-se com as práticas e realizar rituais.

Sobre a umbanda sabemos que é uma religião que possui elementos africanos, católicos e espirituais. Foi criada em 1908, no Rio de Janeiro, pelo médium Zélio Fernando Moares. Como o Candomblé Nago, os umbandistas acreditam nas divindades orixás com o deus supremo Olorum (que é o mesmo como Olodumaré). Ao contrário do candomblé, no entanto, eles adoram apenas nove orixás principais. Os orixás associam-se mais com os santos católicos. Eles também representam ancestrais, mas estão mais próximos dos espíritos do que dos deuses. Orixás, mas também outros espíritos, são encarnados durante os rituais da umbanda. Durante a encarnação, os espíritos têm as suas características típicas. Os espíritos, que aparecem durante a posse, são as pessoas que retornaram à Terra para se comunicar ou ajudar. Do cristianismo a umbanda cultivava um grande cuidado do outro. Mas também acredita na reencarnação e na imortalidade da alma. Os animais nunca são sacrificados durante os rituais da umbanda. Os líderes do terreiro geralmente não são chamados de Pãe ou Mãe de Santo, mas Mama e Tata, Secerdote ou Sacerdotisa, Zelador, Dirigente, Diretor ou Diretora, Mestre ou Mestra. Um membro da umbanda deve ser capaz de funcionar como um múdium e também se comunicar com os elementos naturais, seja por encarnação, por audição ou psicografia.

Os conceitos principais da doutrina da umbanda são *Sete Linhas do Trabalho* ou *Sete Linhas da Umbanda*. Sete Linhas do Trabalho consistem em agrupamento de sete espíritos quem podem incarnar no médium durante a possessão. Os espíritos são: Preto Velho, Caboclo, Erê, Baiano, Cigano, Boiadeiro e Marinheiro. Cada um desses espíritos, como os orixá, tem seus próprios atributos, segundo os quais se pode determinar quem é esse espírito em particular. É importante não confundir Sete linhas de trabalho com Sete linhas da umbanda que são comparadas às sete vibrações de Deus. Isso significa que Deus se manifesta em sete vibrações, cada uma delas tem seu próprio significado e é representada por um certo orixá. As vibrações são Fé, Amor, Razão ou Conhecimento, Equilíbrio ou Justiça, Ordenação ou Lei, Evolução e Geração.

O que candomblé e umbanda têm em comum:

- São encontrados principalmente no Brasil. Candomblé se espalhou também fora do Brasil.
- Os seus adeptos acreditam em orixás, que se assemelham a santos.
- Têm os elementos sincréticos, misturando várias culturas e religiões.
- Há nelas uma influência muito perceptível de religiões africanas.
- É quase impossível compilar uma visão abrangente, pois suas práticas ritualísticas diferem de terreiro para terreiro.
- Não têm ensinamentos escritos oficialmente, tudo é transmitido apenas oralmente ou através de textos escritos por líderes espirituais.
- Devido à ausência de centralização oficial, é difícil criar um modelo universal.
- Os rituais deles acontecem nos templos chamados terreiros, que devem rememorar os templos na África. O terreiro tem a mesma função para ambos.
- Durante os rituais pode acontecer uma possessão ou um transe (na umbanda sempre, em candomblé às vezes).
- Durante os rituais veste-se em geral a roupa branca.
- O ritual não pode existir sem dança e música.
- Não está claro se se trata dum culto ou de uma religião. A estrutura interna desorganizada e o ensino inconsistente nos levariam a classificá-los como o culto, mesmo que muitos elementos correspondam à religião.

Definir se se trata de cultos ou de religiões é um pouco problemático, pois cada publicação acadêmica expressa uma opinião diferente sobre esse assunto. Se nos basearmos, por exemplo, na definição mágica de religião do antropólogo americano Clifford Geertz, poderemos realmente considerar o candomblé e a umbanda como uma religião, pois Geertz caracteriza a religião como:

A **religion** is a system of symbols which act to establish powerful, pervasive, and long-lasting moods in men by formulating conceptions of a general order of existence and clothing those conceptions with such an aura of factuality that the moods and motivations seem uniquely realistic.<sup>213</sup>

O sistema de símbolos, de que fala Geertz, é evidente principalmente no culto às divindades dos orixás, que são sincreticamente ligadas ao culto dos santos. Ao mesmo tempo, os orixás são também simbolizados por elementos naturais, cores, pratos etc. Além disso, o simbolismo podemos ver nos templos, chamados de terreiros, que evocam a distante África perdida. Os conceitos da ordem geral são novamente encontrados no terreiro, onde a vida cotidiana se mistura aos rituais. Há uma ordem e hierarquia fortes nessas religiões. Durante as cerimônias, nas quais ocorre a encarnação pelo espírito, devemos admitir que a possessão parece realista, com o indivíduo realmente entrando em transe através da dança e da bateria. Encontraríamos muitas outras características da religião no candomblé e na umbanda, isso, no entanto, não é o assunto de nosso interesse no momento. Apesar disso, pensamos que a sua classificação como um culto ou uma religião permanece incerta.

#### Em que o candomblé e a umbanda diferem:

- O candomblé é mais velho e mais próximo dos rituais africanos.
- Embora ambas as religiões sejam sincréticas, pode-se dizer que o candomblé adere de maneira mais firme e fiel às suas tradições.
- Ao contrário do candomblé, a umbanda não consiste se tanto no desenvolvimento da sua cultura, quanto na absorção de elementos.
- No candomblé, os orixás se manifestam de dentro para fora, ou seja, a energia dos orixás vive em cada um de nós e se manifesta por sua visibilidade.
- Na umbanda, o espírito encarna de fora para dentro, ou seja, o nosso corpo recebe um espírito de fora que não faz parte da nossa essência original.
- O terreiro não tem altar no candomblé.

---

<sup>213</sup> Talal Asad, *Anthropological Conceptions of Religion: Reflections on Geertz*, disponível em: [https://www.jstor.org/stable/2801433?seq=3#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2801433?seq=3#metadata_info_tab_contents), p. 239.

- No candomblé, uma das maneiras de se comunicar com os orixás é um sistema profético chamado jogo de búzios.
- Cada deles tem nomes diferentes dos seus líderes espirituais; no candomblé são Pai ou Mãe de Santo, na umbanda, p.e., Mama e Tata.
- A umbanda reconhece apenas os 9 orixás principais.
- Embora se possa dizer que o candomblé se originou oficialmente (foi reconhecido) em um período semelhante ao da umbanda (no início do século 20), na verdade, existe no Brasil desde o século 15. Apenas devido à impossibilidade de consertar a estrutura, ele tem mudado de forma original.
- Há uma ênfase maior no simbolismo na umbanda; o número 7 aparece frequentemente em seus ensinamentos, como em Sete Linhas do Trabalho ou Sete Linhas da Umbanda, ou no próprio nome do espírito encarnado por Zélio Fernandes, Caboclo das Sete Encruzilhadas. Também é importante o número 3, conectado com o símbolo do triângulo que designa o equilíbrio.
- O candomblé usa durante os rituais, além da roupa branca, também a roupa azul.
- A umbanda pegou muitos elementos do candomblé.
- A umbanda é menos influenciada pela tradição africana, mas uma maior influência pode ser observada das outras tradições (espiritismo, cristianismo, mas também tradições orientais).
- Na umbanda, há maior ênfase na prática do que no culto às divindades.
- Na umbanda existem mais elementos mágicos e símbolos, o processo de iniciação é mais curto e parece geralmente mais moderno. Portanto, pode ser mais atraente para um praticante leigo.
- Na umbanda o papel dos líderes espirituais é ligeiramente suprimido, as pessoas podem resolver seus problemas consultando os espíritos que encarnam.
- Os terreiros da umbanda ficam no centro da cidade, ao contrário do candomblé cujos terreiros se localizam fora da cidade.
- Exú na concepção do candomblé é mais como um orixá, ao qual são dadas as oferendas no início de cada ritual. Na umbanda, ele é percebido mais como um espírito que possui três formas necessárias para criar a harmonia.
- No candomblé, como parte da iniciação, uma pessoa recebe um certo orixá que a acompanha pelo resto da vida. Ela também deve passar por muitos rituais por um

período de sete anos. Na umbanda, o que se precisa fazer para ser iniciado é se preparar para se tornar um médium.



## Resumo

Bakalářská práce se zabývá deskripcí a následnou komparací dvou afrobrazilských kultů, candomblé a umbanda. V úvodní části práce je rozebrána historie a vývoj candomblé, potažmo afrobrazilských kultů obecně. V historické části je rozebrán proces otroctví, společně s jeho cykly a následným rozdělením otroků do skupin. Tato část končí etapou po zrušení otroctví až po současnost. Práce pokračuje představením mýtu o vzniku candomblé. Následuje výčet hlavních druhů candomblé společně s jejich rozšířením. Po této pasáži se přechází k samotnému učení candomblé. Je zde rozebrán proces iniciace společně s průběhy rituálů, sociální hierarchie a charakter chrámů, zvaných terreiros, kde se ceremonie odehrávají.

V prostřední pasáži bylo vybráno několik božstev zvaných orixás a nadpřirozených entit, společných jak pro candomblé tak pro umbandu. Tyto nadpřirozené subjekty byly stručně představeny. Každému byla přidělena stručná charakteristika popisující například jeho legendu, den v týdnu, kdy je uctíván apod.

V další části je představena umbanda. Opět se nejprve přistupuje k proces vzniku, který je neodlučitelně spojen i s jejím mýtem. Následuje výčet několika druhů umbandy společně s jejich stručnou charakteristikou. V další fázi jsou stručně popsány rituální aktivity, společně s učením a sociální strukturou. Mnoho z těchto aspektů již bylo rozebráno v candomblé, proto jsou zde zmíněny především prvky, o kterých se ještě nemluvalo.

V závěrečné fázi dochází ke shrnutí všech zmíněných informací. Candomblé s umbandou je porovnáváno na základě představených faktů, které byly v této práci uvedeny. Jsou zde sepsány jak jejich podobnosti, tak i odlišnosti včetně nedorušené úvahy, zda se jedná o kultury nebo o náboženství.

## Summary

This bachelor thesis is focused on the description and subsequent comparison of two afro-brazilian cults candomblé and umbanda. In the introductory part of the work, the history and development of candomblé, and therefore Afobrazilian cults in general are discussed. The historical part deals with the process of slavery, together with its cycles and the subsequent division of slaves into groups. This part ends with the stage after the abolition of slavery to the present. The work continues by introducing the myth of the origin of candomblé continuing by a list of candomblé species together with their distribution. After this passage, is described the learning of the candomblé itself. The process of initiation along with the rituals is described, as well as the social hierarchy and character of the temples, called *terreiros*, where the ceremonies take place.

In the middle passage, several deities called orixás and supernatural entities were selected, common to both candomblé and umbanda. These supernatural subjects were briefly introduced. Each was assigned a brief description describing, for example, their legend, the day of the week when they are worshiped, etc.

The next part introduces the umbanda. Again, the process of origin is approached first, which is inextricably linked to its myth. The following is a list of several types of umbanda together with a brief description. In the next phase, ritual activities are described, together with teaching and social structure. Many of these aspects have already been discussed in the candomblé, so the elements that have not yet been mentioned are mentioned here.

In the final phase, is summarized all the mentioned information. Candomblé with umbanda is compared on the basis of the presented facts, which were presented in this work. Their similarities as well as differences are written here, including an unresolved consideration of whether they are cults or religions.

## Bibliografia

1. ASSEF, Carlos Renato. *O candomblé e seus Orixás*. São Paulo: LeBooks, 2014.
2. BASTIDE, Roger. *Bahijské candomblé*. Překlad Vladimíra Daňková. Praha: Argo, 2003.
3. BARBOSA, Osmar. *Umbanda para iniciantes*. Book Espírita, 2019.
4. BORGES, Marcos de Souza. *Coty, Revista do Candomblé*. Almirante Tamandaré: Editora Jocum.
5. CUMINO, Alexandre. *Compilação, Material de apoio ao curso de teologia de Umbanda sagrada*.
6. FERNANDES, Isabel Cristina dos Dantos. *Umbanda: prática cultural e religiosa afro-brasileira no município de Araruna/PR*. Universidade Estadual de Maringá, 2014. S/P.
7. FILHO, Luís Viana apud RODRIGUES, José Honório "The Influence of Africa on Brazil and of Brazil on Africa." *The Journal of African History* 3, no. 1 (1962).
8. JOHNSON, P. C. *Secrets, Gossip, and Gods: The Transformation of Brazilian Candomblé*. Oxford University Press, 2002. 79–100.
9. LOCHMAN, Vratislav. *Iniciace v brazilském candomblé* (magisterská práce). Brno: Masarykova Univerzita, 2009.
10. MAGALHAES, Elyette Guimarães de. *Orixás da Bahia*. Salvador: Bahia, 1974, p. 21–60.
11. MATOS, Cláudia Nevia de, Elizabeth TRAVASSOS, Fernanda Teixeira DE MEDEIROS e Palavra CANTADA. *Esaios sobre Poesia, Música e Voz*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
12. MOURA, Clóvis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. Brasil: Edusp, 2004.

13. MURRELL, Nathaniel Samuel. *Afro-Caribbean Religions. An Introduction to their historical, cultural and sacred traditions*. Temple University Press, 2010.
14. PAULA, Fernande, Gabriella Fonseca de, RIBEIRO e Ítalo Diego TETÔNIA/ – Candomblé, vivendo uma nova experiência, Pontifícia universidade católica de minas gerais, 2011.
15. RAMOS, Eurico. *Reverendo o Candomblé*. Mauad Editora Ltda: Rio de Janeiro, 2011. S/P.
16. RODRIGUES, José Honório. "The Influence of Africa on Brazil and of Brazil on Africa," *The Journal of African History*, vol. 3, n. 1 (março 1962). 49–67.
17. ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *Revista de Estudos da Religião*, 2009.
18. SANTOS BARBOSA, Daniel. "O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana", *Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF*. 76–84.
19. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
20. STINGL Miloslav a Petr PAČES. *Černí bohové Ameriky, kapitoly o kultuře a dějinách Afroameričanů Latinské Ameriky a karibské oblasti*. Praha: Svoboda, 1992.
21. TLČIMUKOVÁ, Petra. *Spirit Possession in Candomblé* (bakalářská práce). Brno: Masarykova univerzita, 2009.
22. VAN EIJK, Femke. *How Candomblé food habits reflect Identity dynamics* Femke Leiden: African studies center, 2010.
23. VEGA, Marta Moreno. *The Altar of my soul: The living traditions of santeira*. Random House Publishing Group, 2009.

24. VEGNEROVÁ, Petra. *Candomblé, historie a současnost* (diplomová práce). Praha: Univerzita Karlova, 2016.
25. VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981.
26. VIERA, Lurdes de Campos. *Os Guias Espirituais da Umbanda e Seus Atendimentos*. Madras, 2015.
27. PERES, Luiz Carlos, *Casa de Santo*, São José, Santa Catarina: Agbook LTDA, 2017.
28. RAMOS Artur e CARNEIRO, PREVITALLI Ivete Miranda, *Candomblé: agora é Angola*, São Paulo, Petrobras, 2008.
29. TEMPLO Sr. Mata Virgem, *Fundamentos Básicos de Umbanda*, Janeiro 2008.

## Fontes electrónicas

1. *A Brief Overview of Umbanda and Candomblé*, [online] [cit. 27.01.2020], disponível em: [https://www.ucis.pitt.edu/clas/sites/default/files/activity\\_sheet.pdf](https://www.ucis.pitt.edu/clas/sites/default/files/activity_sheet.pdf)
2. A. da Silva Alves - *From Sàngò to St. George: Candomblé and its legitimization as a religion in Brazil*, [online] [cit. 27.03.2020], disponível em: [https://www.academia.edu/15040074/From\\_S%C3%A1ng%C3%B2\\_to\\_St.\\_George\\_Candombl%C3%A9\\_and\\_its\\_legitimization\\_as\\_a\\_religion\\_in\\_Brazil](https://www.academia.edu/15040074/From_S%C3%A1ng%C3%B2_to_St._George_Candombl%C3%A9_and_its_legitimization_as_a_religion_in_Brazil)
3. Alessandra Amaral Soares., *Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil*. **RBSE**, p. 935, disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>
4. *As três nações de Candomblé*, [online], [cit. 01.04.2020], disponível em: <https://lifestyle.sapo.pt/astral/praticas/cultos-a-natureza/artigos/as-tres-nacoes-de-candomble>
5. Beto Angeli, *Umbanda em casa*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.scribd.com/read/434478157/Umbanda-em-casa-pratica-umbandista-familiar>
6. Cabasp – Culto Afro Brasileiro Assistencial São Pedro, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [https://www.listamais.com.br/local/cad\\_idXXX95Zf/cabasp-culto-afro-brasileiro-assistencial-sao-pedro-sindicatos-e-federacoes-em-sao-paulo-sp](https://www.listamais.com.br/local/cad_idXXX95Zf/cabasp-culto-afro-brasileiro-assistencial-sao-pedro-sindicatos-e-federacoes-em-sao-paulo-sp)
7. Carol, *Conheça tudo sobre Nanã Buruquê – a Orixá da Criação*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-nana/>
8. Carol, *Entenda as Nações do Candomblé e suas diferenças*, [online], [cit. 01.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/nacoes-do-candomble/>

9. Carol, Oxum – Tudo sobre a Orixá Mãe do Amor, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-oxum/>
10. Carol, Tudo Sobre Iansã Ou Oyá, Orixá do Direcionamento, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-iansa-oya/>
11. Carol, *Tudo sobre Iemanjá*, [online], [cit. 01.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/iemanja-rainha-mar/>
12. Carol, Tudo Sobre Logunan – Oyá Tempo, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-logunan/#Saudacao\\_aLogunan](https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-logunan/#Saudacao_aLogunan)
13. Carol, Tudo Sobre Oxalá – O Pai, Criador dos Homens, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-oxala/>
14. Carol, Tudo Sobre Xangô – Orixá da Justiça, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-xango/>
15. Daniel Neves, *Escravidão no Brasil*, Brasil Escola [online] [cit. 27.03.2020], disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>
16. Eduardo Vanini, Iemanjá: oito curiosidades sobre a história da rainha do mar, [online], [cit. 02.02.2020], disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/cultura-em-gente/iemanja-oito-curiosidades-sobre-historia-da-rainha-do-mar-24222250>
17. Egungun, *Patrimônio Cultural*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://www.geledes.org.br/egungun/>
18. ENCYCLOPEDIA, Kim. D. Butler, Orixás, [online], [cit. 27.03.2020], disponível em: <https://www.encyclopedia.com/humanities/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/orixas>

19. Eric P. Rice, *Black on display, The political Economy of Candomblé*, [online], [cit. 25.03.2020], disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/ilassa/conference/1999/papers/rice/Rice.htm>
20. Federação de Candomblé do Brasil, [online], [cit. 25.03.2020], disponível em: <http://fecab.org.br/artigos/?art=libculto>
21. Guilherme Garrido Aragão, *Guias da Umbanda. Os Guias Espirituais*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://docplayer.com.br/13455153-Guias-da-umbanda-os-guias-espirituais.html>
22. <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>
23. <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/2094#resultado>
24. <https://sites.google.com/site/candomblenacaoangola/povo-bantu>
25. <https://www.google.com/maps/search/umbanda/@-7.3512084,-39.5554418,6.06z>
26. Janaina Azevedo, Audiolivro, *Todo o que você precisa saber sobre Umbanda*, Narrated by Fátima Silva, Universo dos Livros. 16.01.2015. cit. 18.04.2020, disponível em: <https://www.scribd.com/listen/389028986>
27. Júlia Morim, *Terreiro Casa Branca / Ilê Axé Iyá Nassô Oká*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=1010:terreiro-casa-branca-ile-axe-iy-a-nasso-oka](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=1010:terreiro-casa-branca-ile-axe-iy-a-nasso-oka)
28. Kateřina Mildnerová, *Tradiční africké náboženství vodun v Beninu. Kult Rodinných a královských předků. Antropoweb*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://www.antropoweb.cz/media/webzin/webzin\\_3\\_2006/01\\_mildnerova.pdf](http://www.antropoweb.cz/media/webzin/webzin_3_2006/01_mildnerova.pdf)
29. Lisa Earl Castilho, *Entre a oralidade e a escrita*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=AF5VCwAAQBAJ&pg=PA104&dq=Terreiro+do+Gantois&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiDmMvHqYrYAhXGQpAKHfkWAO8Q6AEIUDAH#v=onepage&q=Terreiro%20do%20Gantois&f=false>



30. Lísias Nogueira Negrão, *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*, disponível em: [https://books.google.cz/books?id=xaFvegMLwcAC&pg=PA337&lpg=PA337&dq=esquerda+direita+umbanda&source=bl&ots=bd8TsIKPVF&sig=ACfU3U0T7fNlrkeG8Sko16nUr-4n6XLgPg&hl=cs&sa=X&ved=2ahUKEwj0jp2A2Z\\_pAhUR3qQKHYYCcCzQQ6AEwFXoECBAQAQ#v=onepage&q=esquerda%20direita%20umbanda&f=false](https://books.google.cz/books?id=xaFvegMLwcAC&pg=PA337&lpg=PA337&dq=esquerda+direita+umbanda&source=bl&ots=bd8TsIKPVF&sig=ACfU3U0T7fNlrkeG8Sko16nUr-4n6XLgPg&hl=cs&sa=X&ved=2ahUKEwj0jp2A2Z_pAhUR3qQKHYYCcCzQQ6AEwFXoECBAQAQ#v=onepage&q=esquerda%20direita%20umbanda&f=false)
31. Lúcia Gaspar, Cultos afro-brasileiros: alimentação ritual, [online], [cit. 25.03.2020], disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=956](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=956)
32. Mãe Silmara Falasco, Ogum, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/ogum/>
33. Mãe Stella de Oxóssi, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/299-mae-stella-de-oxossi>
34. Manuela, *Candomblé de Caboclo*, 22.08.2008, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://ocandomble.com/2008/08/22/candomble-de-caboclo/>
35. Os pais e mães de santo mais populares do Brasil, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://dicacidade.com.br/noticias/os-pais-e-maes-de-santo-mais-populares-brasil/>
36. Pai Alexandre Falasco Todos, Exú, *Giras de Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/exu/>
37. Pai Alexandre Falasco Todos, Iemanjá, *Giras de Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/iemanja/>
38. Pai Alexandre Falasco Todos, Oxumaré, *Giras de Umbanda*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.girasdeumbanda.com.br/orixas/oxumare/>

39. Paulo de Oxalá, *Nação Jeje*, 28.04. 2013, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://paulodeoxala.jimdofree.com/2013/04/28/na%C3%A7%C3%A3o-jeje/>
40. Reginaldo Prandi, *O CANDOMBLÉ E O TEMPO, Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v16n47/7719.pdf>, p. 44-46
41. Religions, Places of worship, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: 15.09.2009, <http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/worship.shtml>
42. Renato Guimarães, Registros de Umbanda, As Umbandas dentro da Umbanda, , [online], [cit. 03.04.2020], disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/as-umbandas-dentro-da-umbanda/>
43. Roderik Steel, A new initiate's story, BBC, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <http://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/worship/initiation.shtml>
44. Rodrigo Pereira, Por uma outra diáspora: formação histórica dispersão dos terreiros de candomblé no Grande Rio, *Saberes e Práticas Científicas*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1394030792\\_ARQUIVO\\_PEREIRA,R.2014.pdf](http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1394030792_ARQUIVO_PEREIRA,R.2014.pdf)
45. Sebastião José de Carvalho e Melo, também chamado Marquês de Pombal, foi Secretário do Estado durante o reinado do D. José. Ele é erroneamente considerado como abolidor da escravidão. Ver Cristina Nogueira da Silva, “Memórias da Nação: foi realmente o marquês de Pombal que aboliu a escravatura em Portugal?” (Universidade Nova de Lisboa: 2017), [online] [cit. 27.03.2020], <https://www.fd.unl.pt/Anexos/11562.pdf>
46. Sheila S. Walker, Everyday and Esoteric Reality in the Afro-Brazilian Candomblé, *History of Religions*, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: [https://www.jstor.org/stable/1062896?seq=3#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1062896?seq=3#metadata_info_tab_contents)
47. Solange Salussolia Vaini, O Sagrado ganha Espaço: Um estudo de caso sobre a Umbanda, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em:

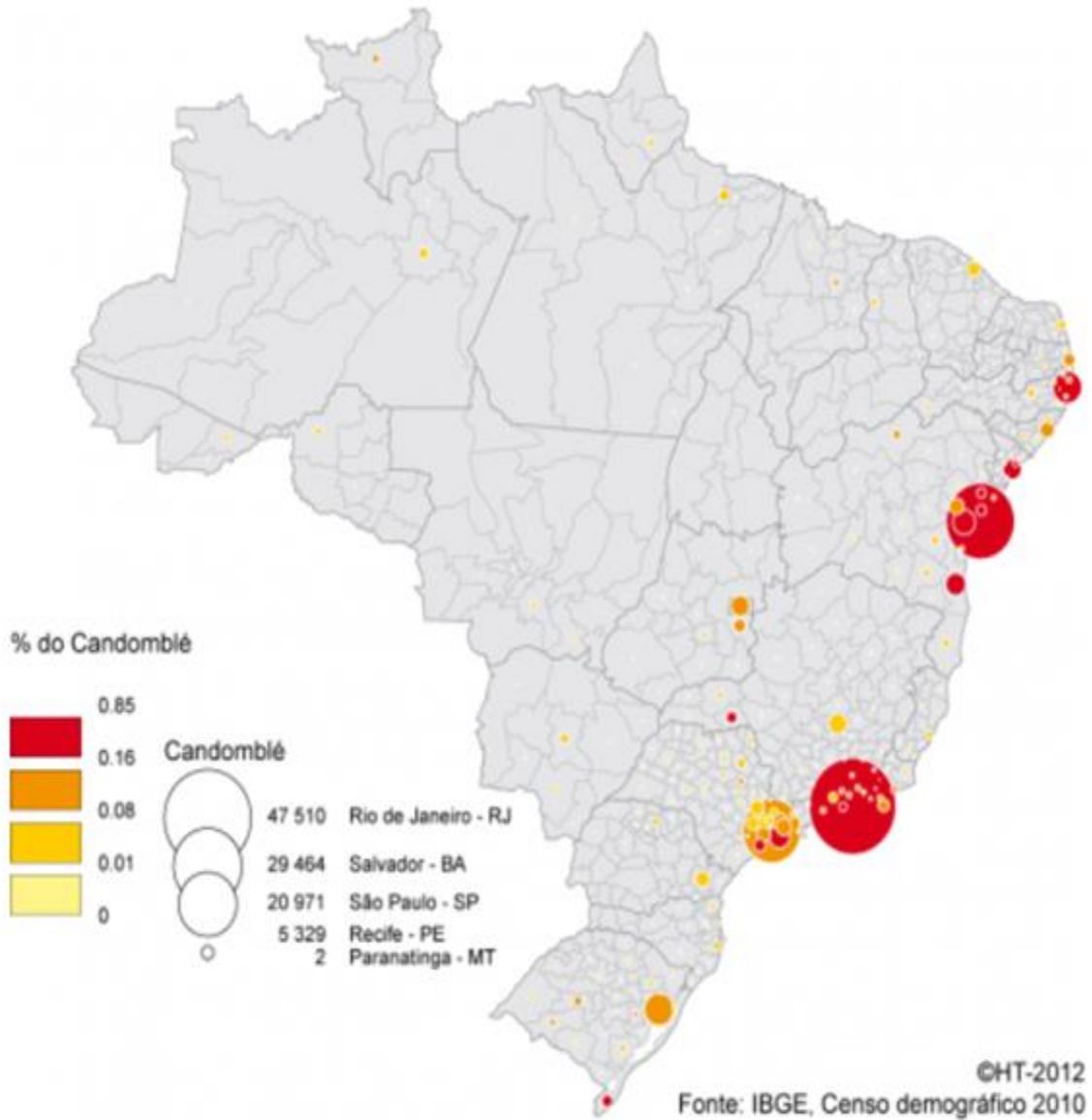
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3923/1/Solange%20Salussolia%20Vaini.pdf>

48. Talal Asad, Anthropological Conceptions of Religion: Reflections on Geertz, disponível em: [https://www.jstor.org/stable/2801433?seq=3#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2801433?seq=3#metadata_info_tab_contents)
49. Umbanda, [online], [cit. 17.04.2020], disponível em: <https://docero.com.br/doc/nsxxs80->

# Assuntos

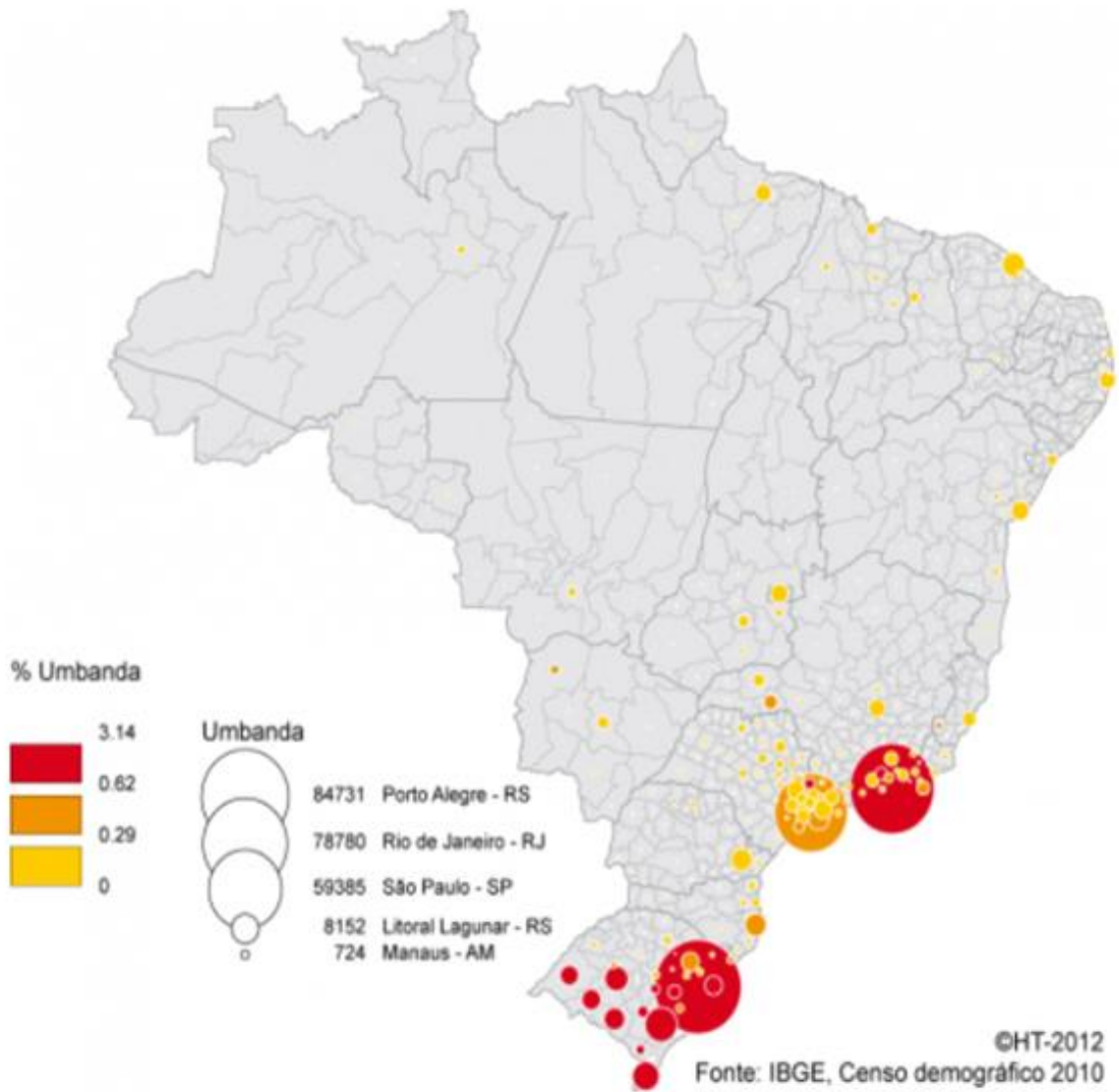
Mapa da extensão do candomblé no Brasil em 2010.

## Candomblé



Mapa da extensão da umbanda no Brasil em 2010.

### Umbanda



214

<sup>214</sup> <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>

## **Anotação em português**

Autor:	Kristina Jínová
Departamento e Faculdade:	Departamento das Línguas Românicas, Faculdade das Letras
Título de tese:	Comparação entre cultos afro-brasileiros candomblé e umbanda
Orientador da tese:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Número de caracteres:	162 117
Número de anexos:	2
Palavras-chaves:	candomblé, umbanda, religião, cultos afro- brasileiros, orixá, escravidão, diferença, semelhanças
Caracterização breve da tese:	O tópico desta tese de bacharel é uma comparação de duas grandes religiões afro- brasileiras, a saber, candomblé e umbanda. Esses cultos religiosos serão analisados em termos de origem e desenvolvimento no território brasileiro, filosofia, culto aos deuses chamados orixás, especificidade de seus rituais e, por último, mas não menos importante, arquitetura sacral. O objetivo do trabalho é apresentar não apenas ao leitor checo as semelhanças e diferenças básicas dessas religiões e sua posição no Brasil contemporâneo.

## **Anotação em inglês**

Author:	Kristina Jínová
Faculty and Department:	Department of Romance Languages, Faculty of Art
Title:	Comparison of afro-brazilian cults candomblé and umbanda
Supervisor:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Number of characters:	162 117
Number of appendices:	2
Key Words:	candomblé, umbanda, religion, afro-brazilian cults, slavery, orixá, difference, similarities
Short characteristics of thesis:	The topic of this bachelor thesis is a comparison of two major Afro-Brazilian religions, namely candomblé and umbanda. These religious cults will be analysed in terms of their origin and development in Brazilian territory, philosophy, the cult of the gods called orixás, the specificity of their rituals and, last but not least, sacral architecture. The aim of the work is to introduce not only to the Czech reader the basic similarities and differences of these religions and their position in contemporary Brazil.